Raio X do Investidor Brasileiro

3ª edição

Introdução

Com a terceira edição da pesquisa Raio X do Investidor Brasileiro, a ANBIMA visa aprofundar o conhecimento sobre o comportamento e a motivação dos brasileiros quando os temas são a gestão do dinheiro, a poupança de recursos e os investimentos financeiros. O material estava pronto para divulgação no final do primeiro trimestre de 2020, quando a explosão de uma crise sanitária e financeira de proporções globais pegou a todos de surpresa.

A pandemia de Covid-19 isolou socialmente mais de 4,5 bilhões de pessoas em todo o mundo, segundo cálculos da ONU (Organização das Nações Unidas), obrigando à interrupção de negócios devido ao fechamento de indústrias, comércios e serviços. Além de milhares de mortes, a perda de renda e do emprego foi efeito colateral importante dessa que é considerada a mais séria crise financeira internacional desde a Grande Depressão de 1929.

A crise deixará o mundo e os brasileiros mais pobres. A constatação torna os temas poupança e investimento ainda mais relevantes. O cenário que se descortina para o momento pós-pandemia, ainda que não esteja completamente claro, legitima ainda mais as descobertas da pesquisa, detalhadas nas páginas seguintes.

A análise do comportamento financeiro dos brasileiros em 2019 permite produzir insights importantes que ajudam a entender por que os impactos dessa crise são mais sérios para uns do que para outros.

Em 2019, 62% da população brasileira não economizou um centavo, uma situação que deixa essas pessoas especialmente vulneráveis em tempos de crise como a atual, em que a falta de reserva financeira é, muitas vezes, combinada com a redução de renda ou de faturamento (no caso de empreendedores), ou até com a perda total de receita.

Introdução

Sem reserva financeira e com a renda reduzida ou até zerada, os brasileiros vulneráveis financeiramente entraram em "modo emergência" para sobreviver. A alternativa é repensar o estilo de vida, criar uma forma de controlar receitas e despesas, cortar gastos, refinanciar dívidas bancárias de longo prazo. Se essa crise traz uma oportunidade, é a de reavaliar as necessidades do dia-a-dia sempre com o foco em poupar mais e investir melhor.

A crise também traz importantes ensinamentos para quem poupa, já que o sobe e desce dos mercados foi, para muitos, a primeira grande experiência de volatilidade elevada. Esse time entendeu, na prática, o que são riscos, perda de rentabilidade e volatilidade dos ativos, entre outros conceitos. Isso ocorreu não apenas em segmentos mais sofisticados, como bolsa de valores, mas também em aplicações mais conservadoras, como a renda fixa.

Outra lição importante é que todo investimento, não importa se em momentos de crise ou de calmaria, deve ser feito obedecendo ao perfil do investidor e aos seus objetivos de vida. A taxa Selic, hoje no menor patamar da história, exige paciência e alguma tolerância a risco por parte do investidor que busca recuperar perdas daqui para a frente.

O grupo dos investidores pôs à prova um dos mantras da educação financeira, que é a importância de se ter uma reserva de emergência para enfrentar períodos de turbulência. Afinal, é para imprevistos, como os desdobramentos da crise deflagrada pela pandemia, que serve aquele dinheiro guardado para nos socorrer em situações que fogem ao controle. Diante da perda do emprego ou da redução da renda a que muitos brasileiros foram submetidos, pôde respirar com um pouco mais de calma aquela pequena parcela que se preocupou previamente em construir uma reserva financeira.

Fica também uma lição de casa a ser feita tanto por quem possui economias como por aqueles sem nenhum dinheiro guardado. Crises são momentos de mudanças. Não se pode desperdiçar a chance de aprender com elas, repensando a forma como se gasta e como se guarda dinheiro.

Índice

5 Apresentação

7 Um pouco de metodologia

9 Como o brasileiro lida com dinheiro

29 Os investidores brasileiros

55 Os não investidores brasileiros

61 Menor dependência da previdência pública

70 Conclusão

74 Materiais relacionados

75 Expediente

Apresentação

Pessoas com conhecimento sobre educação financeira conseguem montar um orçamento, lidar com as despesas e os gastos do dia a dia, economizar e investir recursos e, mais importante, tirar do papel sonhos como uma viagem ou casa própria e até mesmo ter uma aposentadoria financeiramente saudável.

Educação financeira é uma das prioridades da ANBIMA. Investimos em uma série de ações para disseminar o tema e ampliar seu alcance para toda a sociedade.

Nossas iniciativas estão voltadas para três grandes públicos:

- **Profissionais do mercado**, para quem oferecemos um conjunto de certificações e de cursos de capacitação;
- **Investidores**, com a produção e a disseminação de conteúdo educativo e de conscientização sobre investimentos;
- **A sociedade como um todo**, com apoio a programas e políticas públicas de educação financeira.

De maneira geral, **nosso papel é auxiliar os associados e os formadores de opinião a entenderem cada vez mais as necessidades e os anseios financeiros dos brasileiros**.
Para isso, temos investido em pesquisas qualitativas e quantitativas para ampliar a análise e o debate sobre essa temática, a exemplo do Raio X do investidor brasileiro, que apresentaremos a seguir.

Em sua terceira edição, a pesquisa, que é conduzida pelo Datafolha, mapeia os hábitos de poupança e de investimento dos brasileiros. O objetivo é entender o comportamento dos investidores e da população em geral quando lidam com suas finanças e as motivações e preocupações na hora de investir – ou não – em produtos financeiros.

Apresentação

Em 2017, demos o pontapé inicial para entender como as pessoas economizam dinheiro, investem e planejam a aposentadoria. Em 2018 e, mais uma vez, em 2019, acompanhamos a evolução dos indicadores para entender se há correlação com o cenário econômico e político, como a redução das taxas de juros e a reforma da previdência. Apresentamos a seguir a pesquisa, com dados de 2019 coletados em entrevistas com cerca de 3,4 mil pessoas, em 149 municípios de Norte a Sul do país.

O material completo está à disposição dos associados e de toda a sociedade em uma página especial sobre esta edição.

Boa leitura!

Um pouco de metodologia

As informações deste estudo foram consolidadas com base em pesquisa quantitativa, com abordagem pessoal, realizada pelo Datafolha, com o objetivo de conhecer os hábitos de poupança e de investimento da população brasileira em 2019. Esta é a terceira edição do levantamento – as primeiras foram feitas com dados de 2017 e 2018. O recorte anual nos permite acompanhar o comportamento dos investidores e dos não investidores.

Nesta edição, foram feitas 3.433 entrevistas. Ouvimos pessoas com 16 anos de idade ou mais, das classes A, B e C, economicamente ativas, que têm algum tipo de renda (ativa ou de aposentadoria). Esse recorte equivale a 96,3 milhões de habitantes do Brasil, correspondente a 58% da população geral de 16 anos ou mais. Entrevistamos pessoas de 149 municípios, entre os dias 4 e 13 de novembro de 2019.

Cada coleta individual durou cerca de 15 minutos e contou com um questionário estruturado que mesclou perguntas abertas (com o objetivo de capturar respostas espontâneas dos entrevistados) e questões com alternativas preestabelecidas. As perguntas abertas têm a finalidade de identificar as primeiras impressões que o brasileiro tem sobre economizar e investir. Já as perguntas com alternativas, também conhecidas como perguntas estimuladas, ajudam a identificar a ocorrência de determinados tipos de hábitos e comportamentos.

A apresentação dos resultados traz os dados de 2019 e os compara com os de 2018 e os de 2017, sempre que houver informações disponíveis. O comparativo tem como propósito mostrar se houve mudança na percepção do brasileiro quando o assunto é dinheiro. Em algumas perguntas já existentes nas outras edições da pesquisa, foram incorporadas novas opções de respostas com base no que foi observado como relevante para a população na pesquisa anterior. Essas pequenas alterações têm o objetivo de trazer insumos cada vez mais precisos.

Um pouco de metodologia

Os resultados de 2019 estão divididos da seguinte maneira:

Pessoas que **tinham algum dinheiro aplicado em produtos financeiros** em 2019 – o que significa que elas podem não ter investido em 2019, mas já tinham aplicações de períodos anteriores. Elas representaram 42% em 2018 e subiram para 44% em 2019.

Pessoas que **investiram (pela primeira vez ou não) em aplicações financeiras** em 2019. Ao todo, foram 10% contra 8% no ano anterior.

Pessoas que **não guardam dinheiro ou que não utilizam produtos financeiros para guardar dinheiro** que, somadas, totalizam 56% da amostra. Em 2018, elas representavam 58%.

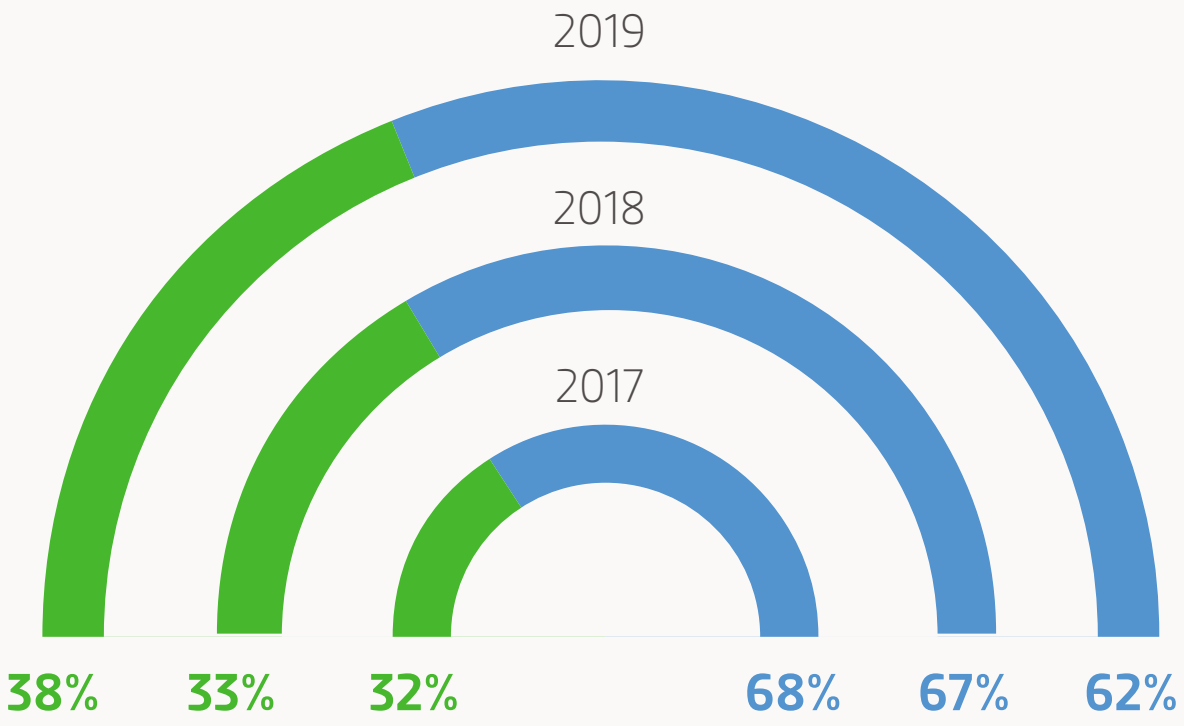
Para confirmar todos os resultados coletados na pesquisa, foi feita uma checagem presencial (in loco) e, também, por telefone com uma amostra de, no mínimo, 20% dos entrevistados. A margem de erro máxima é de dois pontos percentuais para mais ou para menos, com nível de confiança de 95%. Isso significa que, caso fossem realizados 100 levantamentos simultâneos com a mesma metodologia da pesquisa, em 95 deles os resultados estariam dentro da margem de erro prevista, que é de apenas dois pontos percentuais.

Como o brasileiro lida com dinheiro

Quem economizou em 2019?

Trinta e oito por cento dos brasileiros conseguiram economizar algum valor em 2019. O que já seria uma boa notícia ganha ainda mais relevância quando constatamos que houve crescimento de seis pontos percentuais em relação a 2017 (ano em que 32% das pessoas economizaram dinheiro) e de cinco pontos em relação a 2018 (33%). O perfil de quem conseguiu economizar é predominantemente masculino (59%), jovem (48% têm entre 16 e 34 anos) e pertencente à classe C (54%). Já entre os que não conseguiram economizar, o perfil é mais homogêneo: 50,5% são homens e 49,5%, mulheres. No total dos que não economizaram em 2019, 25% têm entre 45 e 59 anos e 22% entre 35 e 44 anos.

Conseguiram economizar **Não conseguiram economizar**



Base: entrevistados que conseguiram economizar dinheiro em 2019 (1.309 pessoas), 2018 (1.181 pessoas) e 2017 (1.119 pessoas)

Base: 2019 (3.433 pessoas), 2018 (3.452 pessoas) e 2017 (3.374 pessoas)

Como o brasileiro lida com dinheiro

As estratégias usadas por essas pessoas que conseguiram economizar foram as mais diversas: 47% driblaram compras desnecessárias eliminando supérfluos, 35% guardaram uma parte do salário todos os meses e 34% relataram ter controlado melhor as despesas, diminuído os gastos ou simplesmente deixado de sair. A criatividade não para por aqui. No total dos que conseguiram poupar, 29% passaram a pesquisar preços para comprar produtos mais baratos, 23% não fizeram dívidas, 22% trabalharam mais e 10% guardaram o dinheirinho extra que receberam do trabalho, como 13º, rescisão trabalhista, férias etc. Apenas 4% aplicaram em produtos bancários como forma de se forçar a economizar algum dinheiro.

Como o brasileiro lida com dinheiro

Conseguiram economizar em 2019

47%
Evitei compras desnecessárias

35%
Guardei uma parte do salário todo mês
Guardei sempre que sobrava dinheiro

34%
Controlei as despesas
Coloquei os gastos no papel/Fiz contas para não gastar mais

34%
Diminuí gastos/ deixei de sair
Ir a festas/Viajar/Beber/ Fumar/Usei menos o carro

29%
Pesquisei preços para comprar coisas mais baratas

23%
Não fiz dívidas
Não entrei no rotativo/ Não entrei no cheque especial/Não peguei dinheiro emprestado

22%
Trabalhei mais
Fiz bico/Freelance

10%
Guardei o dinheiro extra que recebi no trabalho
13º/Férias/Rescisão

4%
Fiz um produto bancário

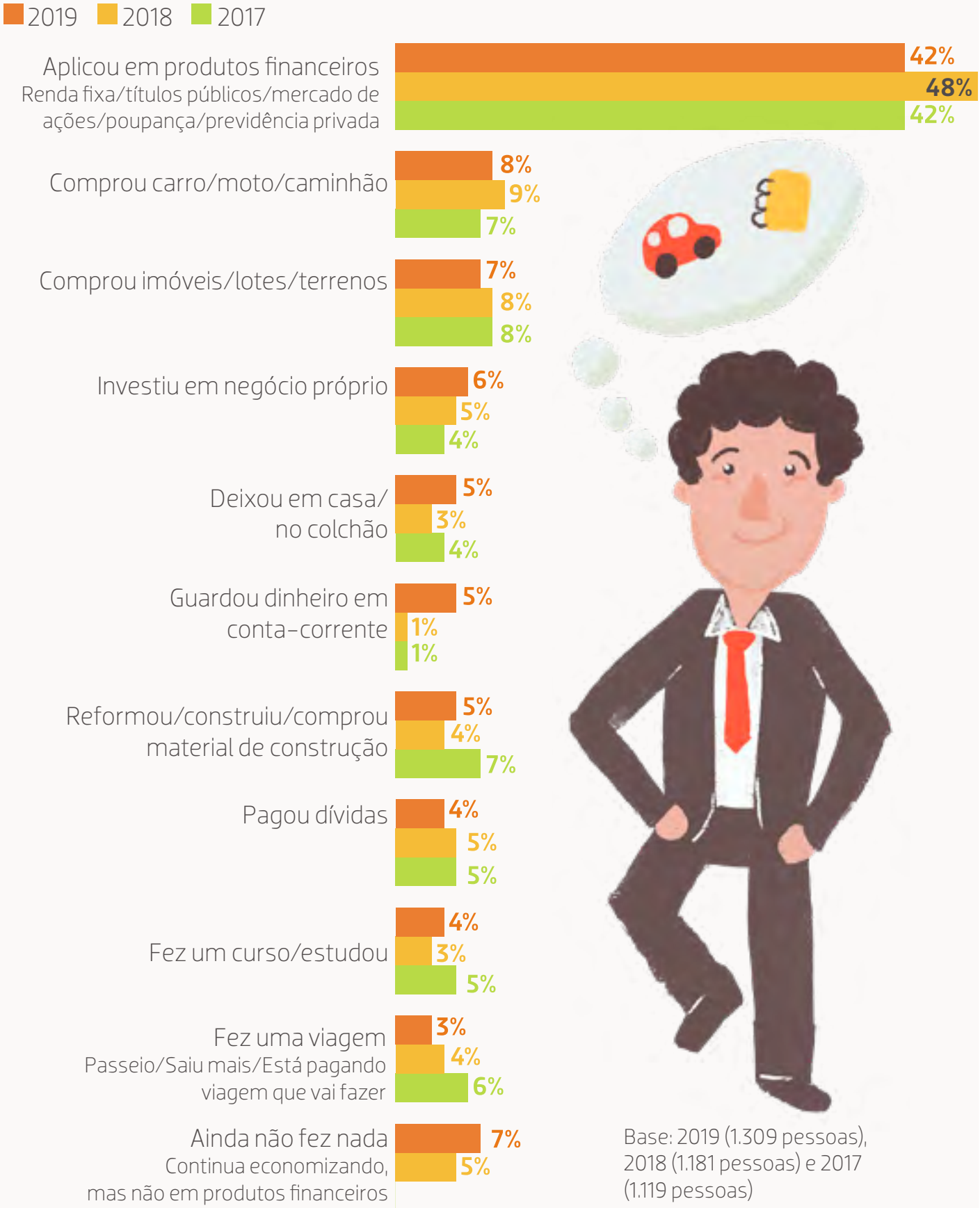
Base: entrevistados que conseguiram economizar dinheiro em 2019 (1.309 pessoas), 2018 (1.181 pessoas) e 2017 (1.119 pessoas)

O destino do dinheiro economizado

Entre os 38% dos brasileiros que economizaram em 2019, a maior parte (42% desse universo) aplicou o dinheiro em produtos financeiros, por exemplo, renda fixa, títulos públicos, poupança ou mercado de ações. Esse percentual está em linha com os patamares de 2017 e indica uma queda de seis pontos percentuais em relação a 2018 (48%). Vale destacar que grande parte dos brasileiros (66%) que aplicaram seu dinheiro em produtos financeiros em 2019 incrementaram uma aplicação financeira que já possuíam em anos anteriores.

Como o brasileiro lida com dinheiro

Destino que deu para o dinheiro economizado



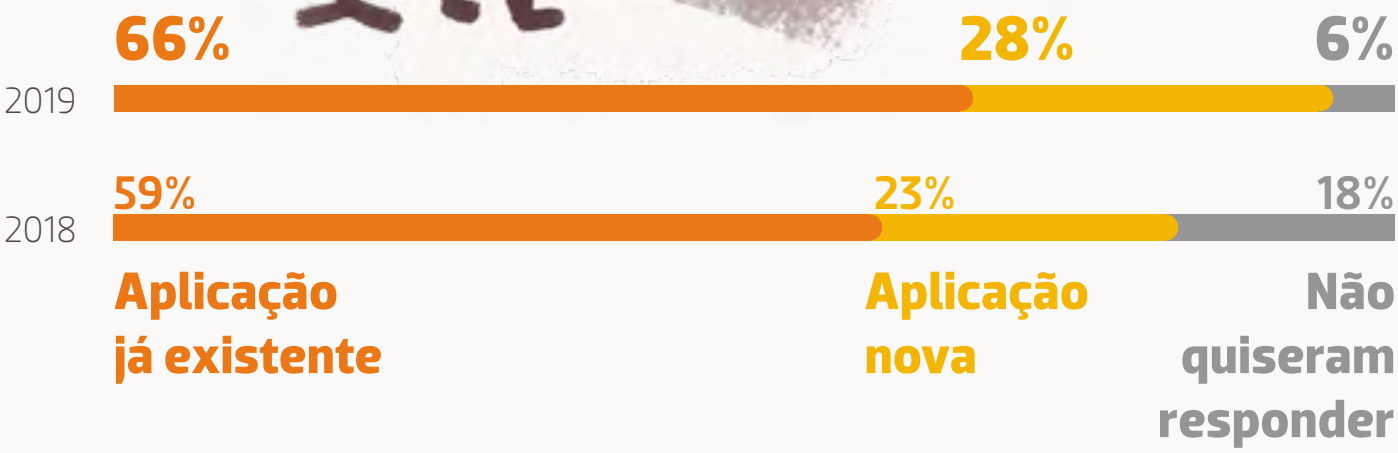
Base: 2019 (1.309 pessoas), 2018 (1.181 pessoas) e 2017 (1.119 pessoas)

Como o brasileiro lida com dinheiro

Nos distantes segundo e terceiro lugares, com apenas 8% e 7% das menções dos brasileiros que investiram em 2019, respectivamente, apareceram a aquisição de bens móveis (como carros e motos) e imóveis (casas, lotes, terrenos), em percentuais praticamente estáveis em relação à pesquisa anterior.

O investimento em um negócio próprio foi a opção de 6% dos brasileiros que conseguiram economizar, o que aponta para um crescimento contínuo desde a primeira pesquisa e mostra que o empreendedorismo se tornou uma alternativa para driblar as ainda altas taxas de desemprego no país.

Quem investiu em 2019, aplicou como?

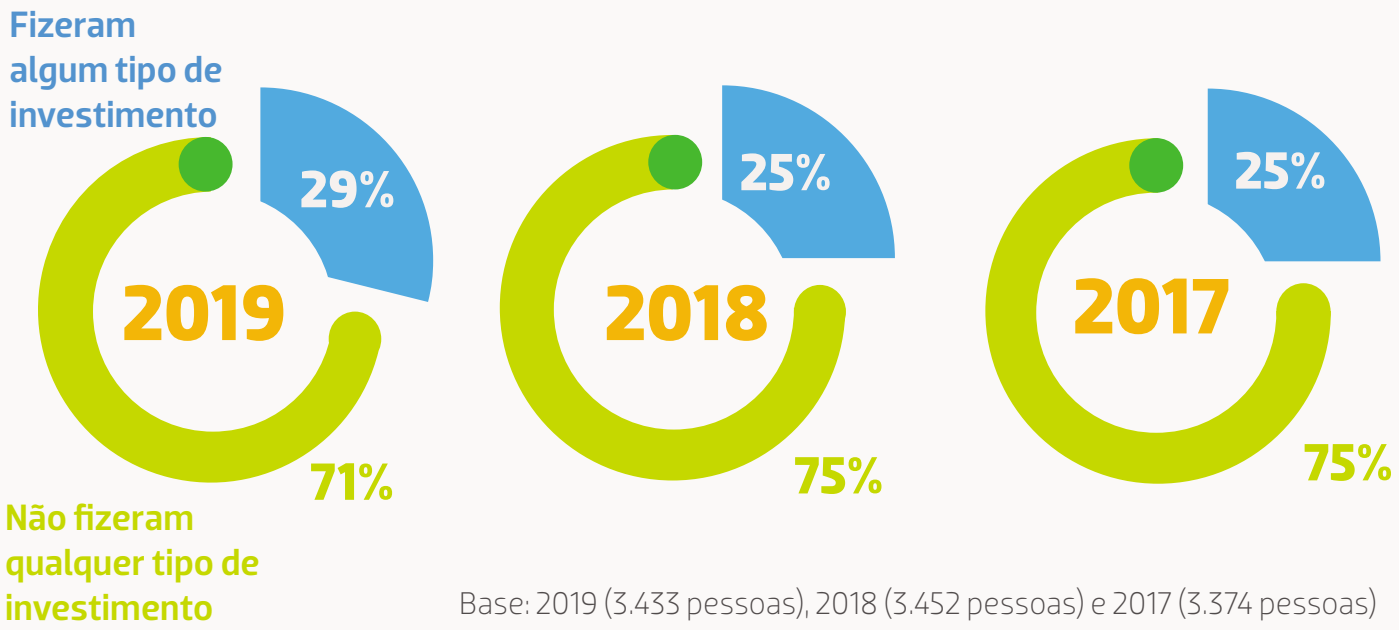


Pergunta começou a ser aplicada em 2018, portanto não há comparação com 2017.
Base: entrevistados que aplicaram o dinheiro economizado em 2019 em produtos financeiros (544 pessoas) e em 2018 (558 pessoas)

Como o brasileiro lida com dinheiro

Investimentos feitos em 2019

Depois de um biênio de estabilidade no número de pessoas que declaram ter investido (25%, em 2017 e 2018), em 2019 esse percentual subiu para 29%. Vale notar que o conceito de investimento é entendido de diversas formas pela população, o que pode significar desde a compra de um carro ou uma casa até um produto financeiro. O resultado representa um crescimento de quatro pontos percentuais em relação aos resultados de 2017 e 2018.



Base: 2019 (3.433 pessoas), 2018 (3.452 pessoas) e 2017 (3.374 pessoas)

O destino dado às aplicações continuou praticamente o mesmo dos outros anos, mas algumas mudanças percentuais sugerem novos hábitos e objetivos. O consumo de bens duráveis e imóveis, como carros, motos e casa própria, continua como a principal escolha dentro daquilo que os brasileiros consideram investimento (12%). As aplicações financeiras ficaram em segundo lugar, com 10% e um crescimento de dois pontos percentuais em relação a 2018. O perfil de quem aplicou nesses produtos é predominantemente masculino (59%), jovem ou jovem adulto (63% tinham menos de 44 anos) e morador da região Sudeste (56%). A abertura de um negócio próprio (5%) e a educação própria ou dos filhos (1%) também foram citadas como exemplos de investimentos.

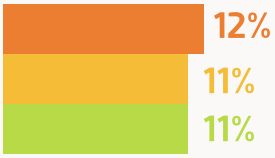
Como o brasileiro lida com dinheiro

Qual foi o investimento que você fez?

2019 2018 2017

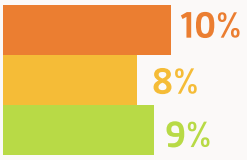
Bens duráveis e imóveis

Comprou/quitou o veículo: **5%**
Casa própria/comprou imóvel, lote ou terreno/quitou dívida de imóvel: **3%**
Construção ou reforma da casa: **3%**



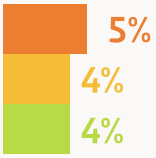
Aplicações financeiras/ bancárias

Conta poupança/caderneta de poupança: **5%**
Tesouro direto: **1%**
Renda fixa/fundo de investimento: **1%**
Aplicação/investimento bancário: **1%**

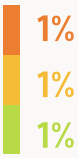


Empreendimentos/negócios

Abriu o próprio negócio: **2%**
Investiu no trabalho/empresa/fazenda/sítio: **2%**
Comprou produtos para revenda: **1%**



Estudo próprio/dos filhos



Não fez investimento

Base: 2019 (3.433 pessoas), 2018 (3.452 pessoas) e 2017 (3.374 pessoas)

Como o brasileiro lida com dinheiro

Investimentos feitos em 2019

O que é investimento para brasileiros com renda?

"Renda fixa na rede bancária, sem risco, porque sou conservador"

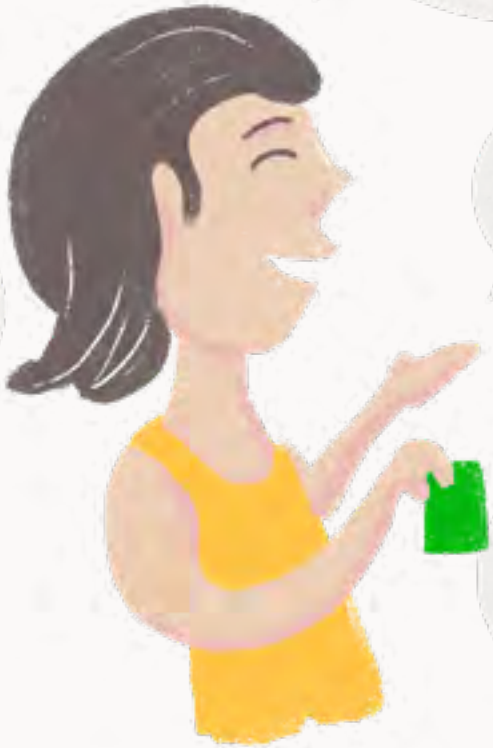
"Ações, caderneta de poupança e empreendedorismo"

"Comprei um carro para mim, comprei tecidos pra trabalhar e obter mais lucro"

"Na área rural, plantei café, fiz uma casinha e produzo café"

"Comprei apartamento para alugar e poupança"

"Comprei alguns títulos, mas só para teste, não considero investimento não"



"Juntei dinheiro pra tirar a carta de habilitação"

"Comprei meu terreno e estou construindo minha casa"

"Fiz investimento pessoal em capacitação profissional"

"Terras e criptomoedas"

Como o brasileiro lida com dinheiro

Conhecimento sobre investimentos e finanças

Investimentos

A pesquisa mediu o conhecimento dos brasileiros com relação aos principais produtos de investimento. Em uma primeira etapa, foram coletadas respostas espontâneas – sem que fossem dadas previamente alternativas às respostas – sobre o conhecimento das pessoas acerca dos produtos financeiros. Essa abordagem é relevante para mensurarmos o que os brasileiros entendem, de fato, como investimento.

Em um segundo momento, as respostas foram estimuladas pelos entrevistadores. Nesta edição da pesquisa, a **caderneta de poupança manteve a dianteira como o produto financeiro mais conhecido pelos brasileiros**. As ações negociadas em bolsa e os planos de previdência privada aparecem em seguida. Na média, os entrevistados mencionaram dois tipos de investimento espontaneamente e 7,6 tipos de forma estimulada.

O maior conhecimento sobre os produtos financeiros não significa que os brasileiros invistam nesses ativos. Um exemplo: as ações foram mencionadas por 79% das pessoas com a metodologia de perguntas estimuladas, mas apenas 2% da população aplicou efetivamente em ações em 2019. Essa discrepância é verificada, em maior ou menor grau, com todos os investimentos citados no levantamento.

Como o brasileiro lida com dinheiro

Conhecimento sobre investimentos e finanças

Conhecimento espontâneo

Em 2019, na comparação com o ano anterior, houve uma tendência de aumento no percentual de brasileiros que mencionaram espontaneamente algum tipo de investimento, de 46% para 48%. Entre os principais produtos citados espontaneamente, a caderneta de poupança foi a mais lembrada (28%). Mesmo sendo o produto financeiro com melhor desempenho, a poupança cravou um decréscimo em citações em relação às outras duas edições da pesquisa: 32% (2017) e 31% (2018).

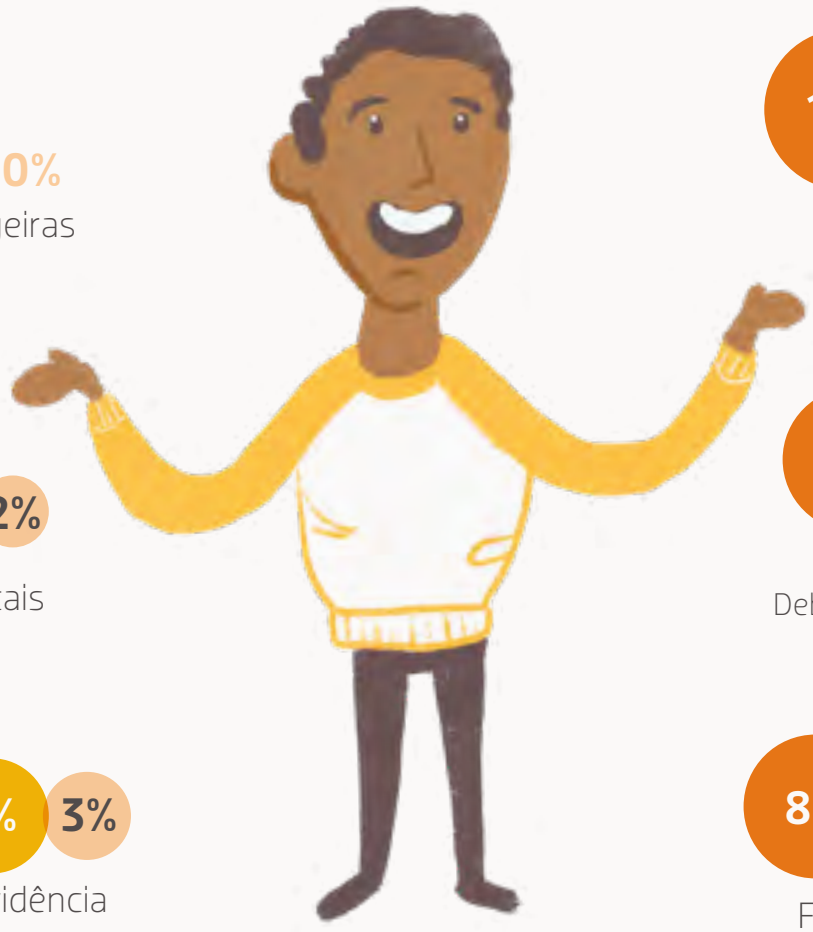
Em seguida, aparecem as ações na bolsa de valores, mencionadas por 12% dos entrevistados, o mesmo percentual da pesquisa feita em 2018. Os títulos públicos mantiveram o terceiro lugar e ficaram no mesmo patamar de conhecimento de 2018 (10%). O conhecimento sobre os títulos privados – como debêntures e CDBs (Certificado de Depósito Bancário) – registrou pequena variação, com queda de um ponto percentual de um ano para outro (8%), enquanto os fundos de investimento cresceram pouco, aumentando um ponto (para 8%). Houve aumento de dois pontos percentuais (de 2% para 4%) no número de brasileiros que mencionaram espontaneamente as moedas digitais.

Como o brasileiro lida com dinheiro

Conhecimento sobre investimentos e finanças

Conhecimento espontâneo

	2019	2018	2017
Caderneta de poupança	28%	31%	32%
Ações na bolsa de valores	12%	12%	11%
Títulos públicos Pré-fixados, pós-fixados e de inflação/Selic/Taxa Selic/Tesouro Selic	10%	10%	8%
Títulos privados Debêntures, CDB, LCI, LCA, LC, COE etc.	9%	9%	8%
Fundos de investimento Renda fixa, multimercado, ações, cambial, RDB etc	8%	7%	9%
Compra e venda de imóveis	5%	6%	6%
Plano de previdência privada/VGBL	4%	5%	3%
Moedas digitais	4%	2%	2%
Moedas estrangeiras	1%	2%	0%
Ouro	1%	2%	1%



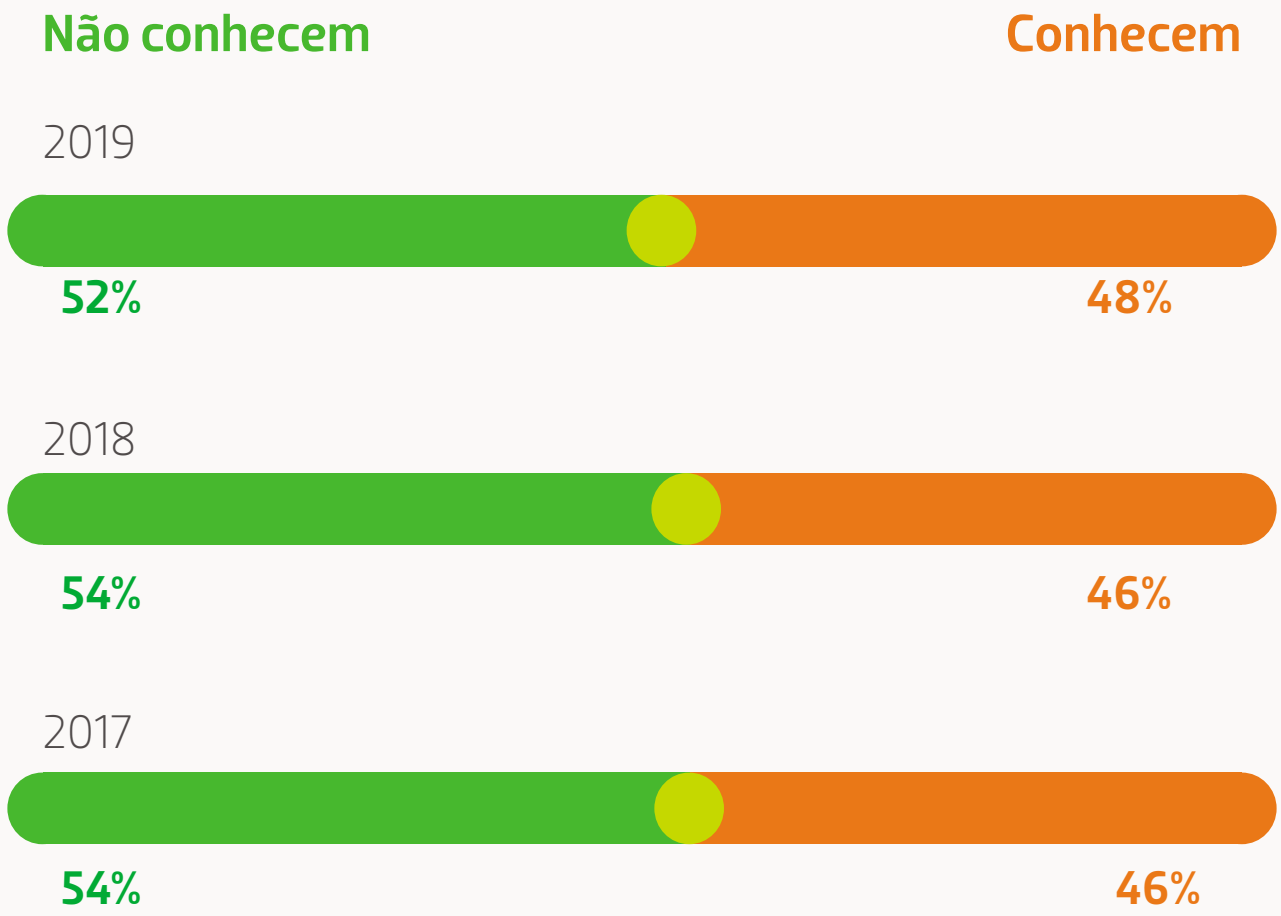
Base: 2019 (3.433 pessoas), 2018 (3.452 pessoas) e 2017 (3.374 pessoas)

Como o brasileiro lida com dinheiro

Conhecimento sobre investimentos e finanças

Os resultados gerais mostram que 52% da população brasileira não conhece espontaneamente nenhum produto financeiro. Embora alto, o percentual é menor do que o computado em 2017 e 2018 (54%), o que mostra uma pequena mudança no conhecimento financeiro dos brasileiros. O desconhecimento é maior entre as mulheres (58%), entre os jovens de 16 a 24 anos (61% desse universo desconhece os produtos, o maior percentual entre todas as faixas etárias) e entre as pessoas da classe C (60%).

Conhecimento espontâneo sobre os investimentos que existem no mercado atualmente



Base: 2019 (3.433 pessoas), 2018 (3.452 pessoas) e 2017 (3.374 pessoas)

Como o brasileiro lida com dinheiro

Conhecimento sobre investimentos e finanças

Conhecimento geral e estimulado

Posteriormente, foram aplicadas perguntas aos entrevistados com opções de alternativas, o que chamamos de "Conhecimento geral". Houve aumento no conhecimento em praticamente todos os investimentos estimulados em comparação com 2018. Com essa metodologia, foram mencionados, em média, 7,6 tipos de investimento – foram sete na pesquisa com dados de 2018.

A líder poupança manteve em 2019 o mesmo patamar de reconhecimento de 2018: 90%. Em segundo lugar, com 86%, aparece a compra e venda de imóveis, uma categoria que não figurou na lista de respostas espontâneas dos entrevistados. Nas demais, houve crescimento no conhecimento geral dos brasileiros. Por exemplo, passou de 73% para 79% o percentual de pessoas que dizem conhecer as ações de empresas entre 2018 e 2019. Quem também teve um crescimento digno de nota foi a previdência privada, atingindo 74%, em comparação com os 67% da pesquisa do ano anterior.

A maior evolução relativa ficou com as moedas digitais, a exemplo do bitcoin, com as menções passando de 45% da população em 2018 para 56% em 2019. Vale destacar que, na metodologia que mescla respostas espontâneas e estimuladas, a parcela da população que não conhece nenhum tipo de investimento caiu consideravelmente, de 52% para apenas 2%.

Como o brasileiro lida com dinheiro

Conhecimento sobre investimentos e finanças

Conhecimento geral sobre investimentos

	2019	2018	2017
Caderneta de poupança	90%	90%	92%
Compra e venda de imóveis	86%	83%	-
Ações na bolsa de valores	79%	73%	77%
Plano de previdência privada	74%	67%	71%
Ouro	71%	65%	-
Moedas estrangeiras	69%	61%	-
Em casa/no colchão	68%	61%	-
Fundos de investimento	60%	55%	58%
Moedas digitais	56%	45%	43%
Títulos públicos via tesouro direto	47%	42%	43%
Títulos privados	36%	35%	36%
Não conhece nenhum tipo	2%	2%	3%

Base: 2019 (3.433 pessoas), 2018 (3.452 pessoas) e 2017 (3.374 pessoas)

Como o brasileiro lida com dinheiro

Conhecimento sobre investimentos e finanças

Tipos de investimento que utiliza

Cinquenta por cento dos brasileiros não conhecem ou não utilizam nenhum tipo de investimento. Embora alto, o percentual é o menor nos três anos de pesquisa – abaixo dos 53% computados em 2018 e dos 57% em 2017. Entre os produtos mais utilizados, a liderança histórica fica com a poupança (37%). Vale destacar, entretanto, que o percentual de utilização da poupança se manteve estável em relação às duas primeiras edições da pesquisa.

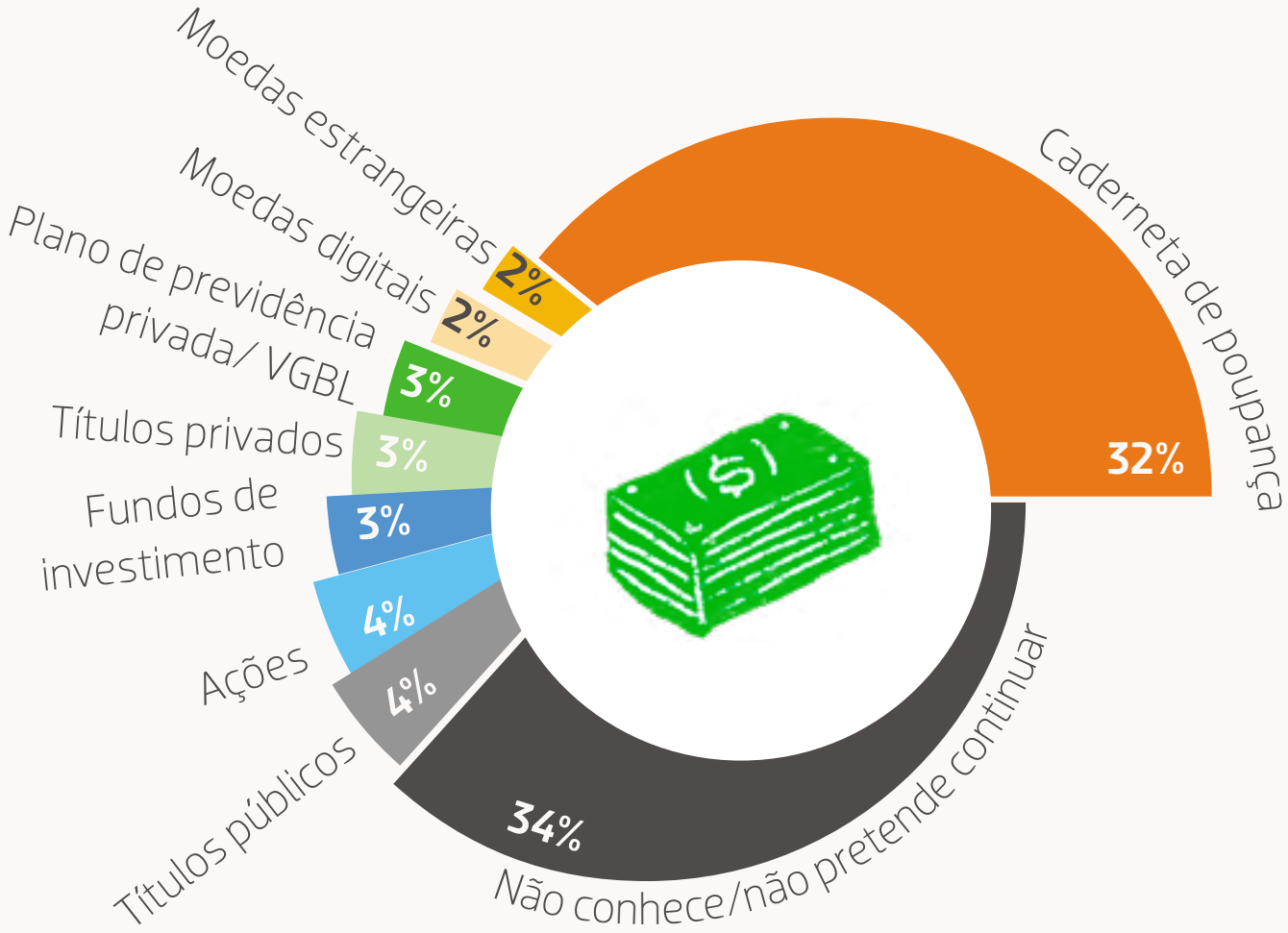
Houve um ligeiro crescimento na utilização dos fundos de investimento entre 2018 e 2019 (de 2% para 3%), dos títulos públicos (de 1% para 2%) e das ações na bolsa de valores (de 1% para 2%).

A estagnação do uso da poupança e o crescimento no uso de produtos como fundos de investimento, títulos públicos e ações na bolsa de valores indicam um possível reflexo da política de redução de juros, que corroeu a rentabilidade da caderneta.

Como o brasileiro lida com dinheiro

Conhecimento sobre investimentos e finanças

Produtos financeiros que pretende utilizar ou continuar utilizando



Base: 2019 (3.433 pessoas), 2018 (3.452 pessoas) e 2017 (3.374 pessoas)

Como o brasileiro lida com dinheiro

Conhecimento sobre investimentos e finanças

O "Big Three" – Finanças

Também foram aplicadas aos entrevistados três perguntas conhecidas globalmente como "Big Three", uma metodologia desenvolvida pelas professoras especializadas em educação financeira Annamaria Lusardi (Itália) e Olivia Mitchell (Estados Unidos) para medir o conhecimento da população sobre conceitos básicos de economia e finanças.

As respostas estão divididas entre população geral, investidores e não investidores. Em todos os anos em que a pesquisa foi aplicada, os investidores apresentaram os melhores resultados nas três perguntas. No entanto, o volume de acertos diminuiu de um ano para o outro. Confira a seguir:

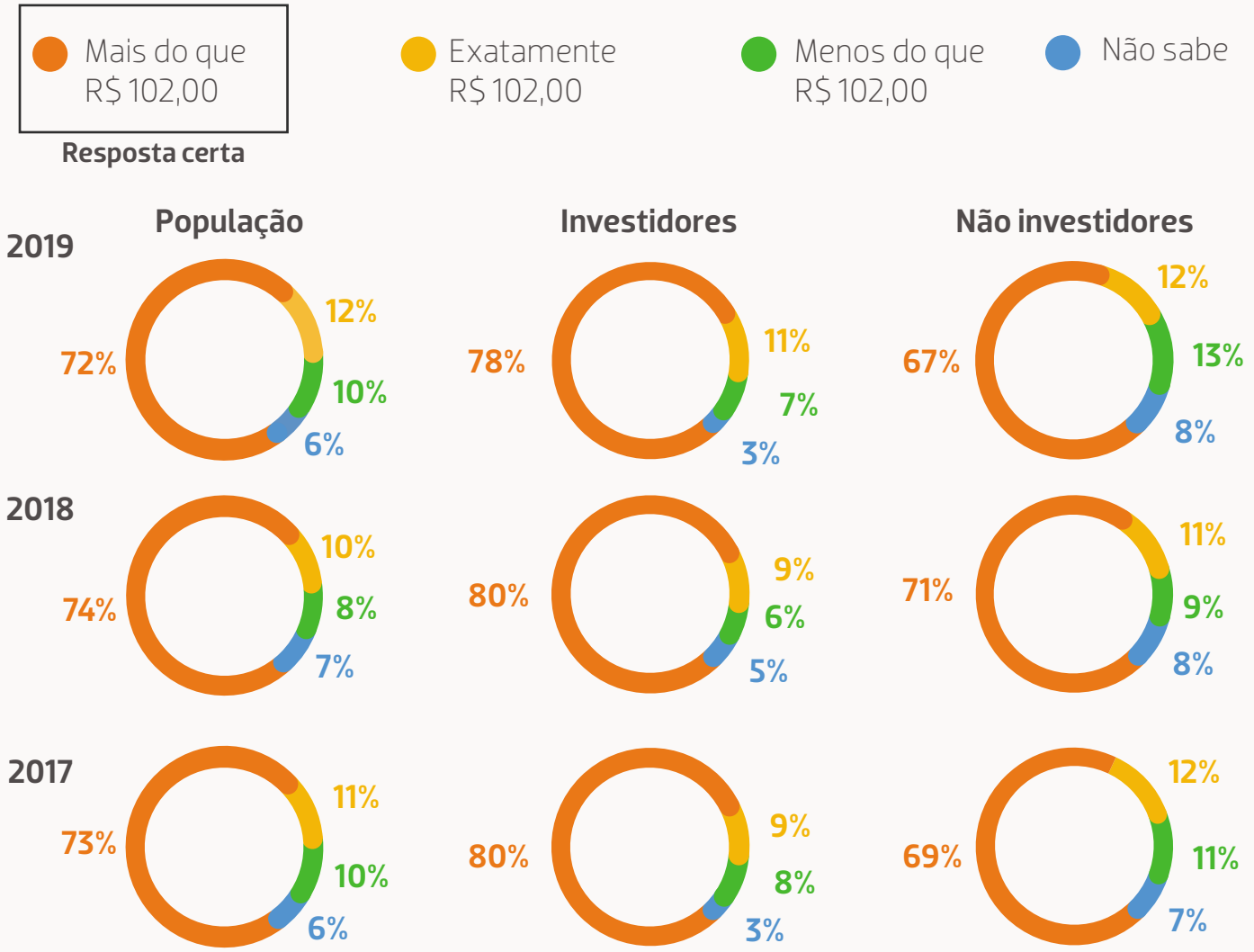
Como o brasileiro lida com dinheiro

Conhecimento sobre investimentos e finanças

1 Percepção sobre juros

Pergunta: Suponha que você possui R$ 100 em investimentos financeiros que rendem 2% ao ano. Depois de cinco anos, quanto você imagina que terá de saldo de sua aplicação se deixar o dinheiro aplicado nesse período?

Resultados: A maior parcela da população geral (72%) acertou a resposta "mais do que R$ 102", o que não mudou muito em relação a 2018 (74%). Entre os brasileiros que não investem, 67% acertaram a resposta (eram 71% em 2018) e, entre os investidores, o percentual de acerto chegou a 78% (era de 80% em 2018).



Base: total da amostra – 2019 (3.433 pessoas), 2018 (3.452 pessoas) e 2017 (3.374 pessoas)
Base: investidores – 2019 (1.506 pessoas), 2018 (1.446 pessoas) e 2017 (1.216 pessoas)
Base: não investidores – 2019 (1.885 pessoas), 2018 (1.958 pessoas) e 2017 (1.671 pessoas)

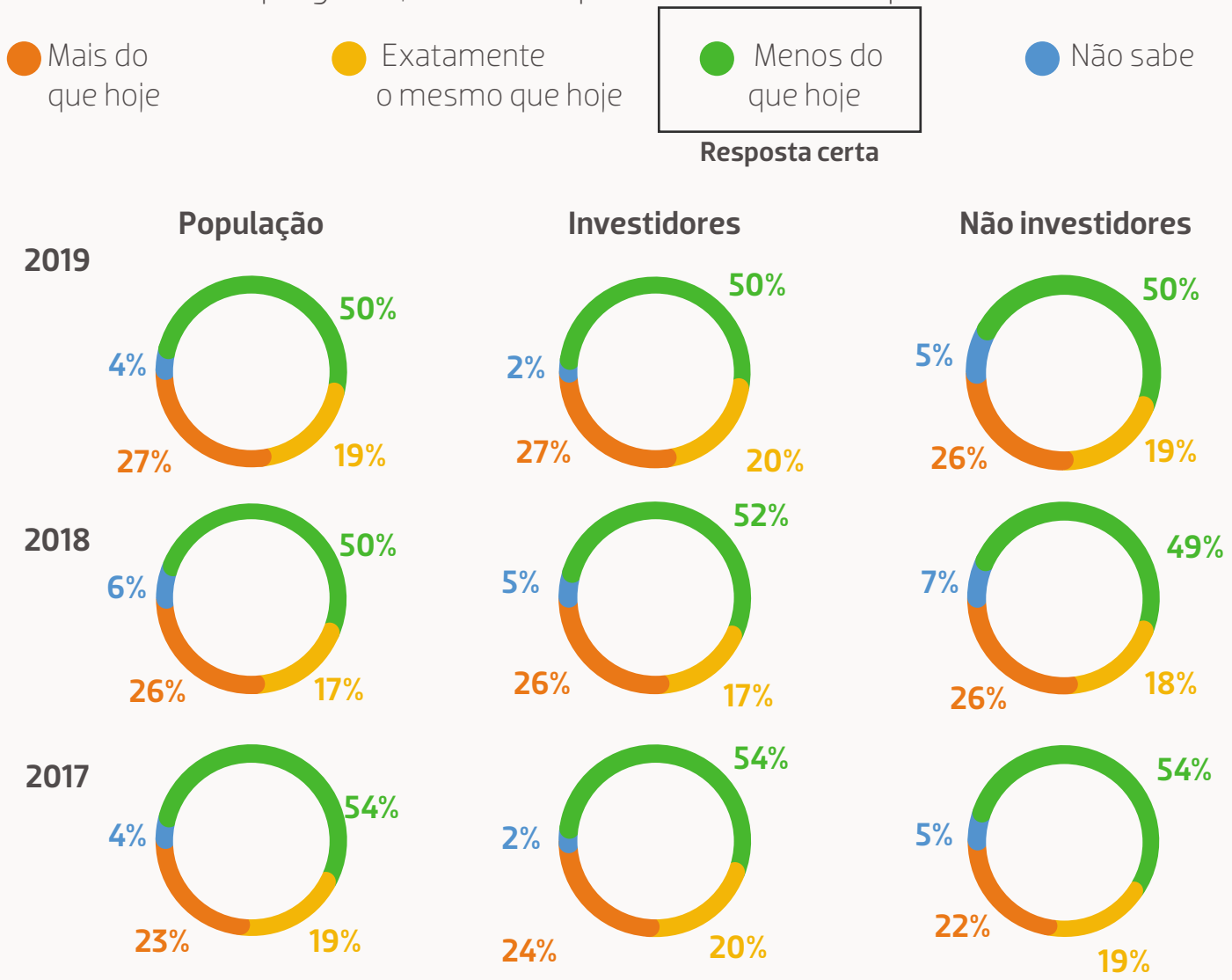
Como o brasileiro lida com dinheiro

Conhecimento sobre investimentos e finanças

2 Percepção sobre o poder de compra (inflação)

Pergunta: Imagine que o rendimento de seu investimento é de 1% ao ano e a inflação foi de 2% ao ano. Depois de um ano, quanto você imagina que poderá comprar com o dinheiro que ficou aplicado nesse período?

Resultados: Metade da população geral (50%) indicou a resposta correta, que o poder de compra será menor do que o atual – percentual igual ao de 2018. Entre os investidores, 50% acertaram a resposta, uma queda de dois pontos percentuais em relação ao ano anterior. Metade dos não investidores também responderam corretamente à pergunta, um desempenho levemente superior ao de 2018.



Base: total da amostra – 2019 (3.433 pessoas), 2018 (3.452 pessoas) e 2017 (3.374 pessoas)
Base: investidores – 2019 (1.506 pessoas), 2018 (1.446 pessoas) e 2017 (1.216 pessoas)
Base: não investidores – 2019 (1.885 pessoas), 2018 (1.958 pessoas) e 2017 (1.671 pessoas)

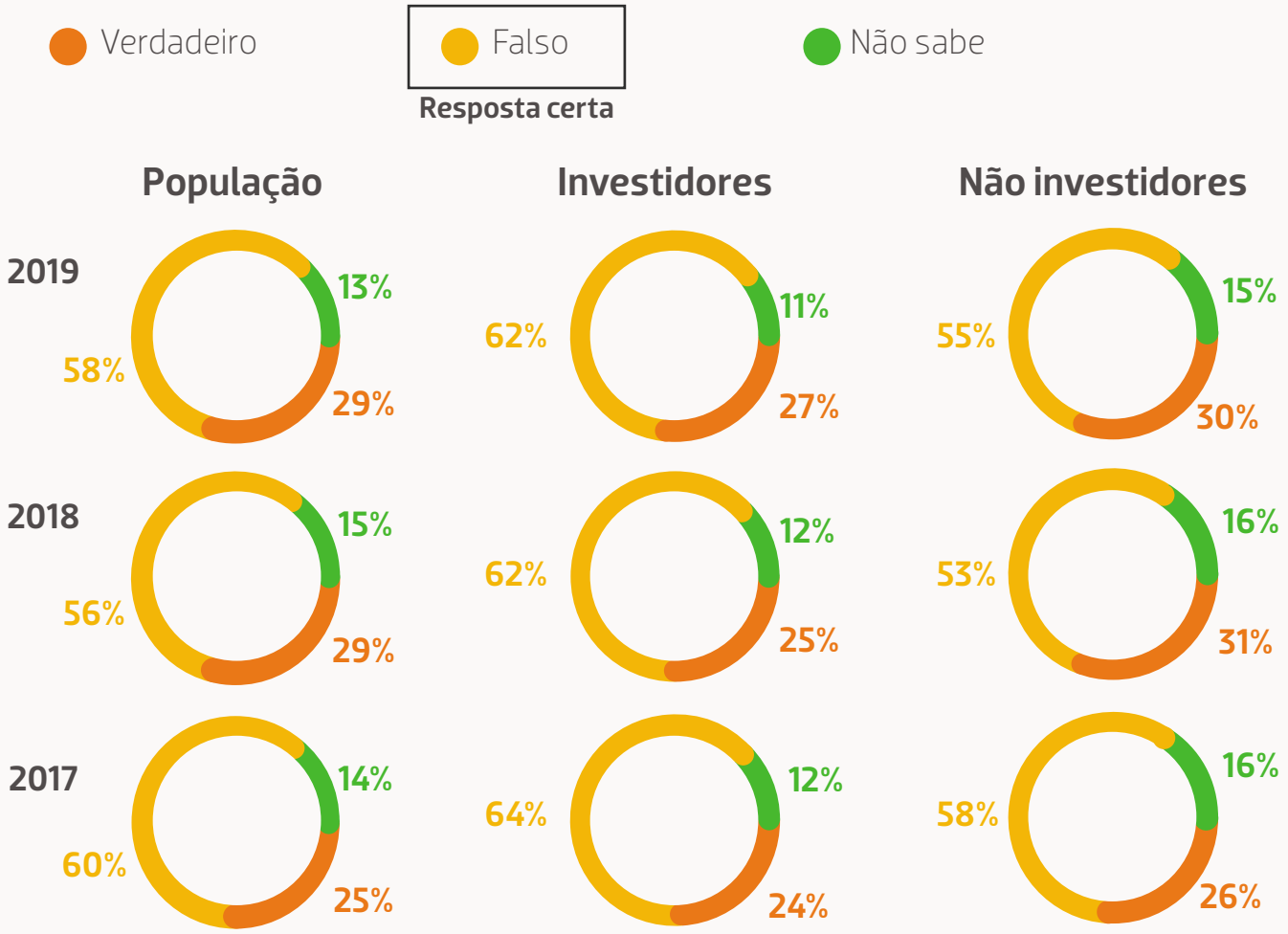
Como o brasileiro lida com dinheiro

Conhecimento sobre investimentos e finanças

3 Percepção sobre risco

Pergunta: Diga se esta afirmativa é verdadeira ou falsa: "Comprar ações de uma única empresa gera um rendimento mais seguro do que um fundo de ações".

Resultados: Assim como em 2018, a maioria dos brasileiros acredita que a afirmação acima é falsa. Não variou muito, passou de 56% para 58% o percentual da população geral que respondeu corretamente à questão e houve queda de dois pontos percentuais entre aqueles que não sabiam a resposta (15% para 13%). O percentual de acertos da população geral superou o verificado entre os não investidores (55%) e ficou aquém dos investidores (62%).



Base: total da amostra – 2019 (3.433 pessoas), 2018 (3.452 pessoas) e 2017 (3.374 pessoas)
Base: investidores – 2019 (1.506 pessoas), 2018 (1.446 pessoas) e 2017 (1.216 pessoas)
Base: não investidores – 2019 (1.885 pessoas), 2018 (1.958 pessoas) e 2017 (1.671 pessoas)

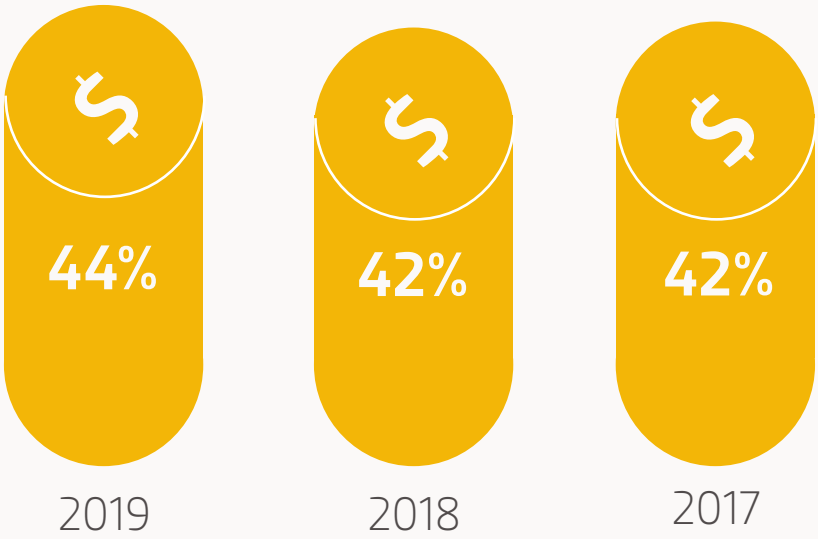
Os investidores brasileiros

A cada ano, mais e mais brasileiros adquirem o hábito de investir. A pesquisa com os dados de 2019 mostra que 44% dos brasileiros terminaram o ano com saldo em produtos financeiros no ano passado. O número corresponde a 42 milhões de brasileiros com algum tipo de investimento em produtos financeiros, e aponta para um crescimento em relação aos dois anos anteriores da pesquisa, em que 42% das pessoas diziam investir nesses produtos.

Na média, o investidor brasileiro é um ano mais velho do que a população geral da pesquisa (43 anos, contra média de idade de 42 anos) e dois anos mais velho do que os brasileiros que não investem (41 anos). A renda mensal média de R$ 5.600 também supera a verificada nesses dois grupos – R$ 4.700 e R$ 4.100, respectivamente.

Há mais assalariados com registro em carteira de trabalho entre os investidores (34%) do que entre a população geral (30%) e os não investidores (27%). Em relação à primeira pesquisa, com dados de 2017, também notamos o crescimento de dois pontos na participação feminina, que hoje responde por 47% dos investidores.

Brasileiros que investiram seu dinheiro em produtos financeiros



Base: total da amostra – 2019 (3.433 pessoas), 2018 (3.452 pessoas) e 2017 (3.374 pessoas)

Os investidores brasileiros

53%
são homens

54%
moram na região Sudeste e **17%,** no Nordeste

51%
são casados

66%
têm filhos

85%
trabalham e têm atividade remunerada

- **34%** são assalariados com registro em carteira de trabalho
- **11%** são freelancer
- **10%** são autônomos regulares
- **10%** são funcionários públicos
- **15%** são aposentados

Renda familiar mensal média de
R$ 5.600

57%
pertencem à classe C

45%
têm ensino médio e **36%,** ensino superior

Têm, em média,
43 anos

Base: investidores – 2019 (1.506 pessoas), 2018 (1.446 pessoas) e 2017 (1.216 pessoas)

Os investidores brasileiros

Onde o brasileiro investe seu dinheiro?

A poupança manteve a liderança como principal destino dos investimentos, mas vem perdendo participação: 84,2% dos investidores deixaram os recursos na caderneta em 2019, uma queda de mais de quatro pontos em relação aos 88% do ano anterior.

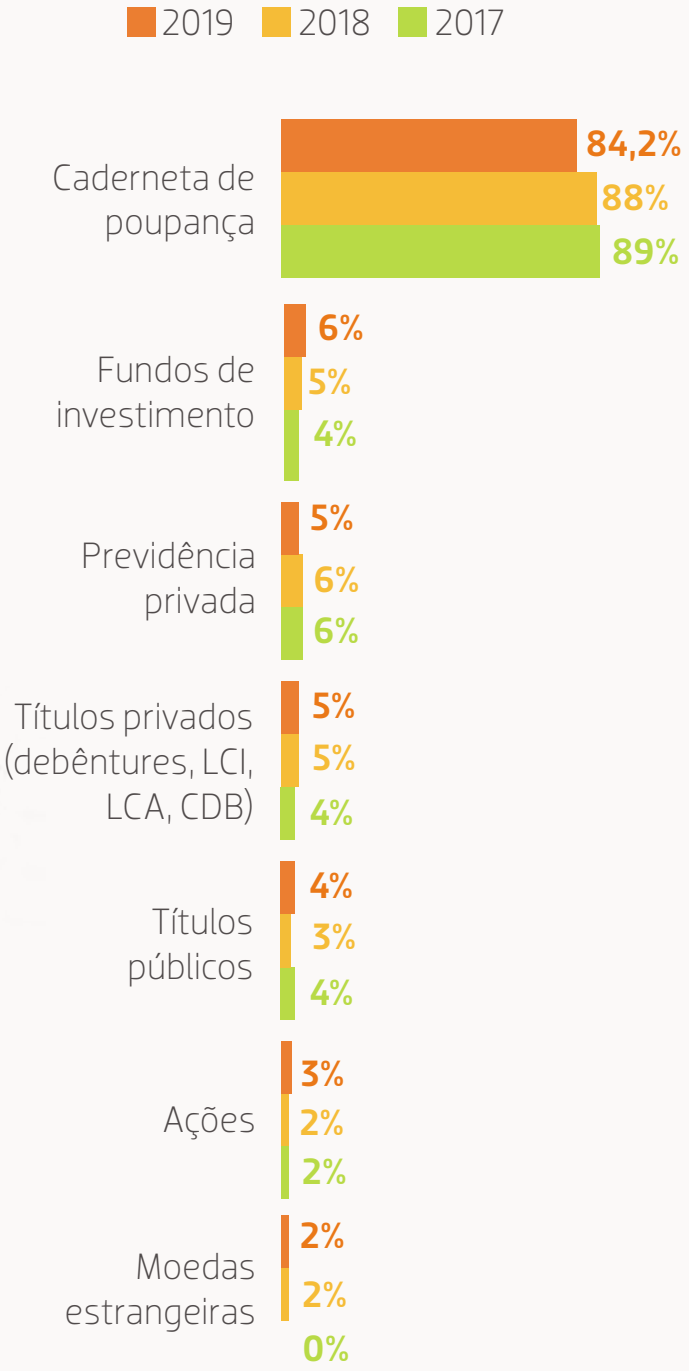
Assim como ocorreu na última pesquisa, a segunda posição também se manteve com os fundos de investimento, na preferência de 6% dos investidores. Os demais produtos, como títulos privados (5%), planos de previdência (5%), títulos públicos (4%), moedas digitais (3%), aparecem logo em seguida.

Os investidores brasileiros

Por quanto tempo investem

O tempo médio das aplicações dos investidores ficou estável na pesquisa de 2019: dez anos. Entre os diferentes produtos, a poupança é a que apresenta a maior média de tempo de aplicação: 11 anos.

Produtos financeiros mais usados pelos investidores



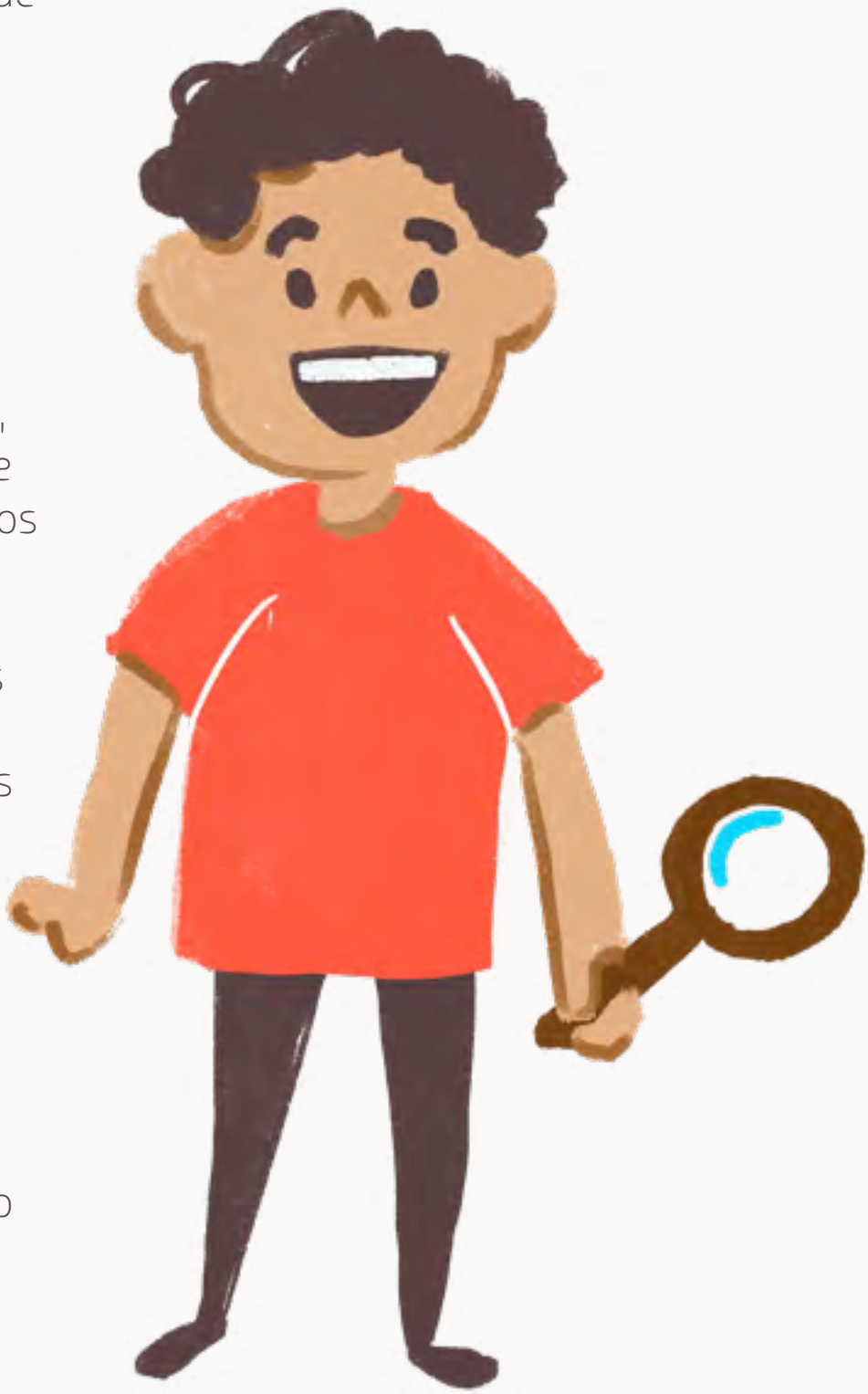
Base: investidores – 2019 (1.506 pessoas), 2018 (1.446 pessoas) e 2017 (1.216 pessoas)

Os investidores brasileiros

Entretanto, 24% dos respondentes dizem que mantêm esse tipo de investimento por mais de 19 anos – em 2018, eram 20%.

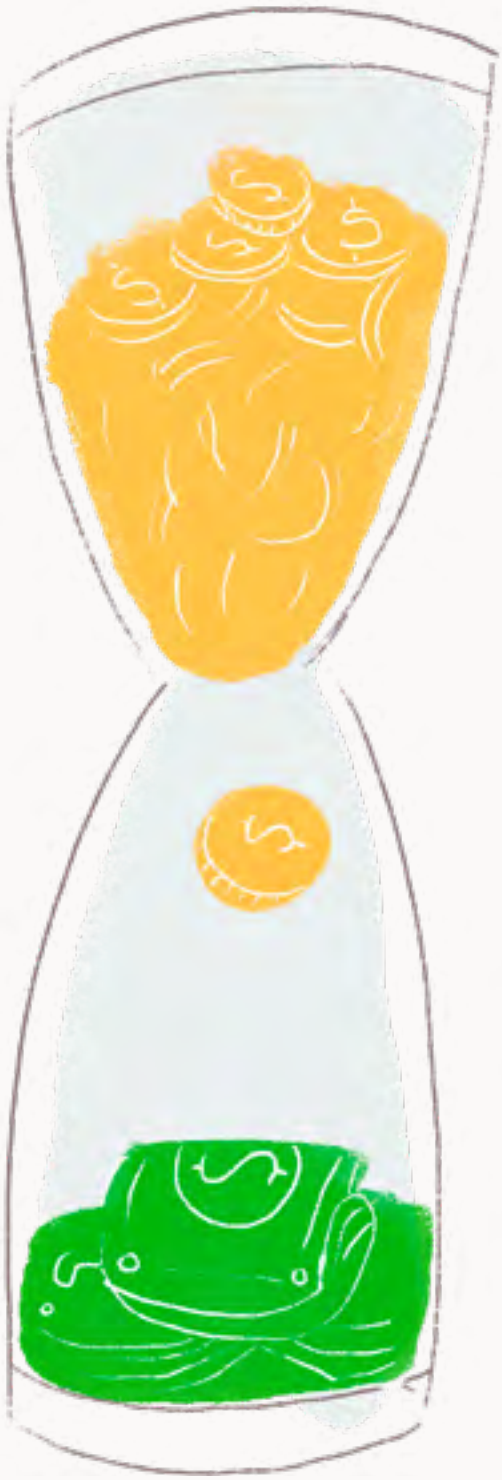
Em seguida, com média de tempo de aplicação de sete anos, aparecem os fundos de investimento e os planos de previdência privada.

Os títulos privados e as moedas estrangeiras compõem os portfólios dos investidores por, em média, cinco anos. Já as moedas digitais, ainda consideradas um investimento especulativo e de alta volatilidade, têm a menor média de tempo de aplicação: um ano.



Os investidores brasileiros

Há quanto tempo investem



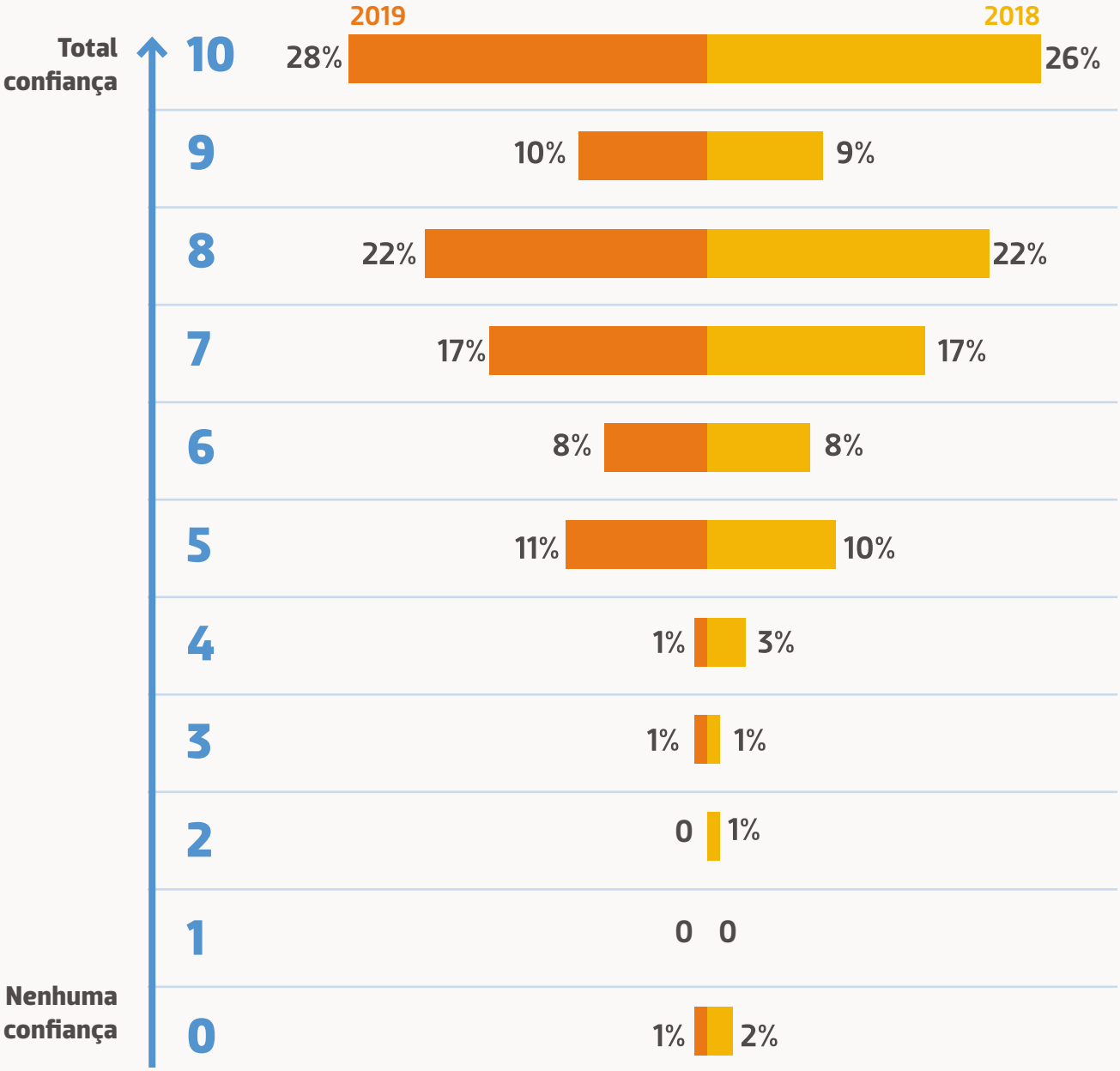
	2019	2018
Caderneta de poupança	11 anos	11 anos
Fundos de investimento	7 anos	6 anos
Títulos públicos	3 anos	3 anos
Títulos privados	5 anos	7 anos
Ações	4 anos	6 anos
Plano de previdência privada	7 anos	7 anos
Moedas digitais	1 ano	2 anos
Moedas estrangeiras	5 anos	7 anos

Base: investidores – 2019 (1.506 pessoas), 2018 (1.446 pessoas) e 2017 (1.216 pessoas)

Os investidores brasileiros

Nível de confiança nas aplicações financeiras

O investidor brasileiro se mostra cada vez mais confiante com a ideia de que as aplicações financeiras o ajudarão a conquistar seus objetivos. No total, 38% pensaram dessa forma em 2019, ante 35% em 2018. Em uma escala de 0 a 10, a nota de confiança foi de 7,8, em comparação a 7,6 no ano anterior. Houve pouca mudança no percentual dos brasileiros que deu nota 10 (26% para 28%) e nota 9 (9% para 10%) para seus níveis de confiança e houve estabilidade entre os que deram notas 8 (22%) e 7 (17%), na comparação entre os dois anos da pesquisa.



Base: investidores – 2019 (1.506 pessoas) e 2018 (1.446 pessoas)

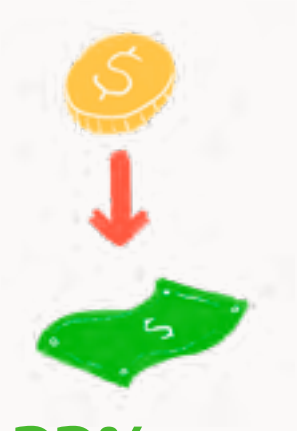
Os investidores brasileiros

As vantagens de investir

Quando perguntados sobre as vantagens de investir, as três principais respostas dos investidores foram as seguintes:

43%

Segurança financeira e possibilidade de juntar uma reserva financeira



22%

O retorno financeiro que posso ter com a aplicação financeira

7%

Poder retirar o dinheiro sem prejuízo em caso de necessidade

Base: investidores – 2019 (1.506 pessoas), 2018 (1.446 pessoas) e 2017 (1.216 pessoas)

A segurança financeira como vantagem de fazer investimentos teve queda relevante em relação às duas primeiras edições da pesquisa, quando 54% e 48% das pessoas, respectivamente, afirmaram que levam o assunto em consideração. Enquanto 37% das pessoas entre 16 e 34 anos prezam a segurança financeira, esse percentual sobe para 47% entre a faixa de 35 e 59 anos. Por outro lado, o cenário de juros baixos tem motivado um crescimento gradual de busca por maior retorno financeiro. Em 2017 e 2018, 16% e 19% dos entrevistados afirmaram que sua disposição de investir foi impactada por esse tema, seis e três pontos percentuais abaixo, respectivamente, dos resultados de 2019. Aqui, o sinal inverte: há uma tendência de maior preocupação dos jovens com retorno do que os participantes com mais de 45 anos. No cruzamento de dados com a população geral, a segurança financeira e o retorno financeiro também aparecem como as duas principais vantagens de investir em produtos financeiros.

Os investidores brasileiros

Principal vantagem de aplicar seu dinheiro em produtos

2019 | 2018 | 2017

43% — 48% — 54%
Segurança financeira, possibilidade de conseguir juntar uma reserva financeira

22% — 19% — 16%
O retorno financeiro que posso obter com a aplicação do meu dinheiro

7% — 9% — 12%
Poder retirar o dinheiro sem prejuízo em caso de necessidade

6% — 2% — 3%
Guardar/dinheiro ficar guardado/em poupança

2% — 3% — 1%
Economia/não gastar com coisas desnecessárias

1% — 0
Por ser mais seguro/segurança/baixo risco (se não render, também não perde)

1% — 1% — 1%
Aplicar/comprar/investir em bens

7% — 6% — 5%
Nenhuma vantagem

6% — 5% — 4%
Não sabe

Base: total da amostra – 2019 (3.433 pessoas), 2018 (3.452 pessoas) e 2017 (3.374 pessoas)

Os investidores brasileiros

As desvantagens de investir

Ao mesmo tempo que o retorno é uma das maiores vantagens vistas pelos investidores, ele é considerado desvantagem também. As três principais respostas para essa pergunta foram:

34%
O baixo retorno obtido com a aplicação/juros baixos

33%
Nenhuma desvantagem

8%
Não sabem

Base: investidores – 2019 (1.506 pessoas), 2018 (1.446 pessoas) e 2017 (1.411 pessoas)

As desvantagens dividem os investidores em dois grandes grupos. O primeiro reúne aquelas pessoas que consideram o retorno da aplicação baixo – os 34% nessa condição em 2019 representam alta de dois pontos percentuais em relação a 2017 e 2018.

Já o segundo grupo engloba as pessoas que não veem nenhuma desvantagem em investir em produtos financeiros, um percentual praticamente estável em relação às duas primeiras edições da pesquisa. A população geral também aponta o baixo nível de retorno como a principal desvantagem na hora de investir.

Os investidores brasileiros

Principal desvantagem de aplicar seu dinheiro em produtos

2019 | 2018 | 2017

34% — 32% — 32%
O baixo retorno financeiro obtido com a aplicação/juros baixos

5% — 4% — 5%
Correr o risco de perder parte do investimento em virtude da movimentação da economia

3% — 5% — 4%
Poder resgatar o dinheiro só depois de um longo período

2% — 3% — 3%
Ter prejuízo se precisar resgatar o dinheiro antes do previsto

1% — 2% — 6%
Não tem dinheiro em mãos quando precisar/ficar sem dinheiro/não poder aproveitar a vida/ter dinheiro para gastar por ter investido

1% — 2% — 1%
A existência da taxa de administração cobrada pela instituição financeira

8% — 8% — 8%
Não sabe

33% — 34% — 33%
Nenhuma desvantagem

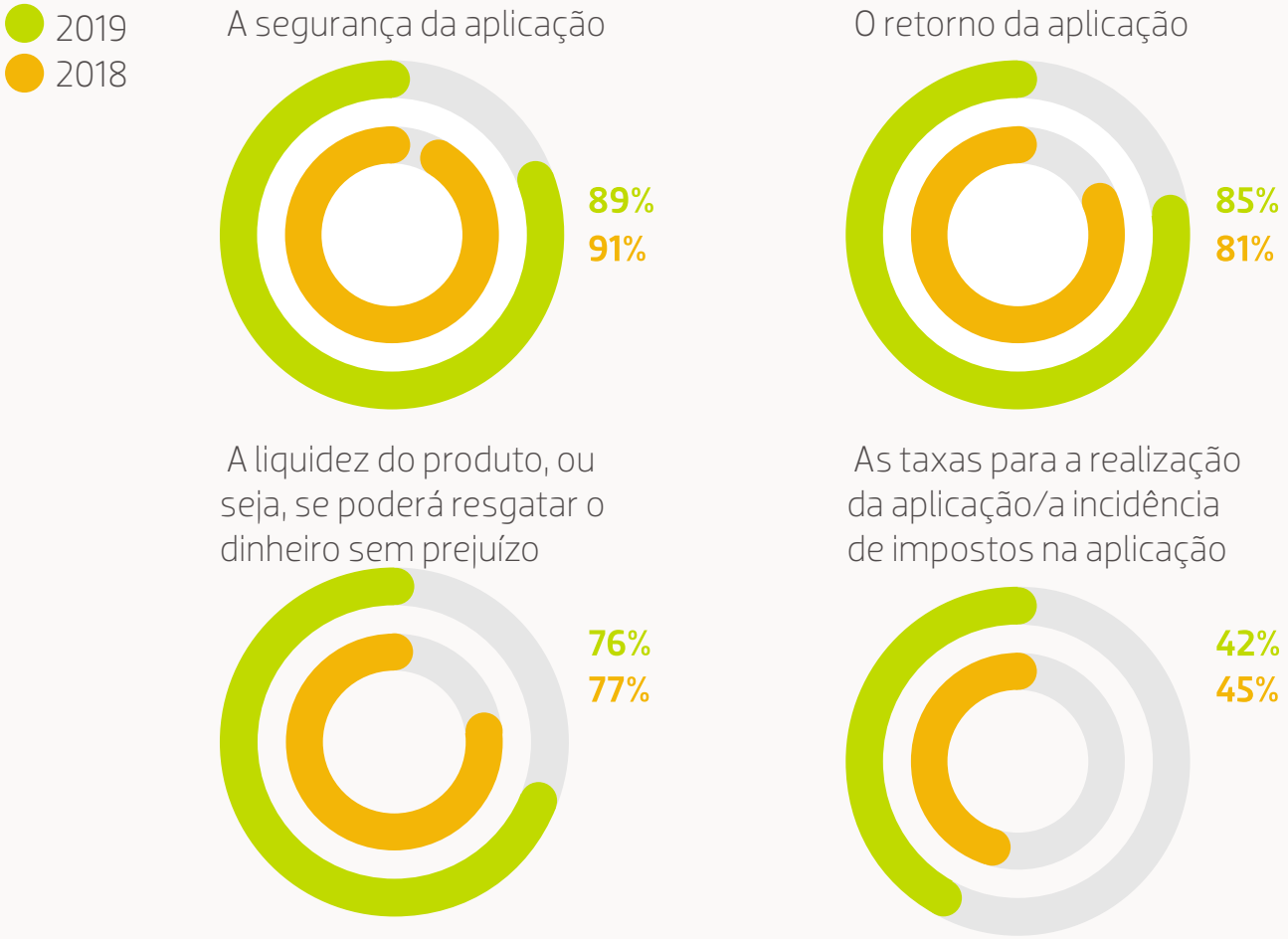
Base: total da amostra – 2019 (3.433 pessoas), 2018 (3.452 pessoas) e 2017 (3.374 pessoas)
Investidores – 2019 (1.506 pessoas), 2018 (1.446 pessoas) e 2017 (1.411 pessoas)

Os investidores brasileiros

O que levam em consideração no momento de investir

Com possibilidade de citar até três fatores, o investidor apontou a segurança financeira como o que mais leva em conta antes de fazer uma aplicação, na visão de 89% dos entrevistados. Essa é uma ideia que variou pouco, mas perdeu força em 2019 – em 2018, 91% falavam em segurança na hora de investir. O que ganhou força em 2019 foi a maior importância com o retorno financeiro das aplicações. No total, 85% das pessoas diziam levar em conta a rentabilidade de seus investimentos. Como base de comparação, eram 81% em 2018. Considerações sobre a liquidez dos investimentos ou as taxas cobradas ficaram praticamente estáveis na comparação com a pesquisa anterior.

O que leva em consideração no momento de escolher um produto financeiro



Base: investidores – 2019 (1.506 pessoas), 2018 (1.446 pessoas) e 2017 (1.216 pessoas)

Os investidores brasileiros

2019 2018	Retorno	Segurança/ confiança	Citou motivo	Facilidade/ comodidade	Imagem da marca	Acesso	Não pagar taxas	Não ter burocracia
Caderneta de poupança	11 %	21 %	19%	21%	17%	8%	5%	5%
	5%	21%	10%	27%	22%	5%	5%	12%
Fundos de investimento	58%	16 %	4%	4%	4%	1%	1 %	2%
	34%	22%	18%	9%	8%	6%	1%	6%
Títulos públicos	53%	48 %	3%	2%	5%	-	5%	-
	50%	40%	2%	9%	5%	1%	1%	3%
Títulos privados	52 %	19%	10%	5%	4%	4%	4%	-
	42%	23%	7%	5%	2%	7%	4%	4%
Ações na bolsa de valores	63 %	5%	6%	2%	5%	1%	1%	1%
	62%	5%	11%	3%	11%	2%	2%	-
Plano de previdência privada	19 %	6%	54%	1%	3%	-	2%	3%
	24%	15%	37%	4%	3%	6%	1%	-
Moedas digitais	54 %	4%	3%	4%	3%	-	3 %	-
	42%	3%	4%	13%	12%	-	-	2%
Moedas estrangeiras	48 %	17 %	16%	-	7%	-	3%	3%
	62%	14%	19%	2%	3%	-	-	-

Base: investidores – 2019 (1.506 pessoas), 2018 (1.446 pessoas) e 2017 (1.216 pessoas)

Os investidores brasileiros

Motivos para ter escolhido o produto financeiro para concentrar suas aplicações financeiras

"Pela segurança. Melhor ganhar pouco do que correr risco de perder tudo, como na bolsa." (Poupança)

"Mais prático. Aplica e retira a hora que quiser e bem entender, apesar do baixo lucro." (Poupança)

"Acho ele mais seguro por ser do governo, apresenta menos risco de quebrar." (Títulos públicos)

"Pelo fato de ser a tendência do momento. Eu acredito que as moedas digitais são o futuro." (Moedas digitais)

"Porque é algo que tem crescido bastante. Tem o risco, mas eu quero arriscar um pouco mais." (Títulos privados)

"Para pensar no futuro. A aposentadoria não vai rolar, então vou ter algum dinheiro guardado." (Previdência privada)

"Em virtude das taxas de juros; a taxa de juros cai e a queda de juros favorece as ações." (Ações na bolsa)

"Porque rende mais que a poupança e a segurança é quase a mesma." (Fundos de investimento)

Onde buscam informações para escolher o melhor produto financeiro

Grande parte dos investidores brasileiros gosta de um cafezinho com o gerente do banco ou com o assessor financeiro/especialista em investimento. **A busca por informações sobre produtos financeiros de maneira presencial ainda é a mais utilizada no país**, conforme 40% dos entrevistados.

A escolha pelo cafezinho com o gerente varia de acordo com a idade dos entrevistados. **Trinta e um por cento dos jovens entre 16 e 24 anos se deslocam até uma agência, o menor percentual entre todas as faixas etárias**. Depois, há um crescimento progressivo nas demais faixas, atingindo o percentual de 47% entre os investidores com mais de 60 anos. Na média, porém, há perda de fôlego nesse tipo de estratégia para buscar informações sobre os produtos. Nas pesquisas anteriores, com dados de 2017 e 2018, 41% e 42% das pessoas, respectivamente, deslocavam-se até uma agência.

Com isso, **outras fontes de informação começam a se destacar. O acesso a sites de notícias, blogs e fóruns especializados em finanças e investimentos foi citado por 32% dos investidores em 2019**, um crescimento de quatro pontos percentuais em relação a 2018. Essa é a fonte predileta de informações de jovens entre 25 e 34 anos (42% dos investidores), mas perde aderência entre os investidores acima de 60 anos (só 15% apostam nos meios digitais). Também chama a atenção a queda (de 20% para 16%) nas menções às consultorias de investimento entre os entrevistados.

Os investidores brasileiros

Onde busca informação para decidir o melhor produto financeiro

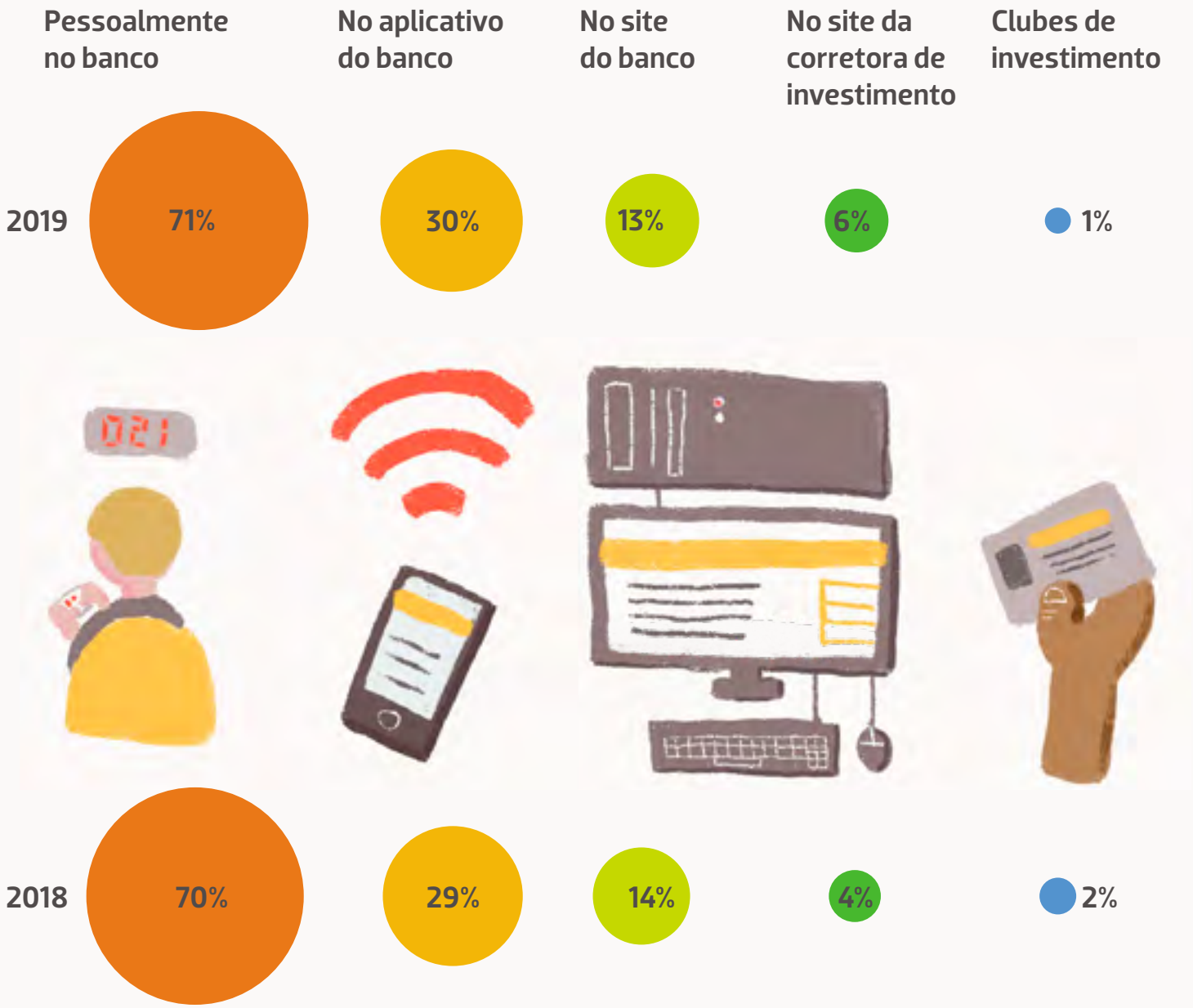
2019	2018 2017	
40%	42% 41%	Presencialmente, ou seja, falando com o gerente ou com o assessor/especialista de investimento
32%	28% 29%	Sites de notícias/blogs e fórum de investimentos
31%	33% 33%	Amigos/parentes
16%	20% 17%	Consultorias de investimento
13%	13% 11%	Aplicativos de corretoras e investimentos
12%	- -	Por telefone, falando com o gerente ou com o assessor/especialista de investimento
3%	1% 3%	Meios de comunicação (rádio/TV/jornal)
4%	4% 5%	Não busca informações

Base: investidores – 2019 (1.506 pessoas), 2018 (1.446 pessoas) e 2017 (1.411 pessoas)

Os investidores brasileiros

Meio que utilizam para fazer as aplicações financeiras

O principal meio utilizado para investir continua sendo a visitinha ao gerente do banco, em patamar estável em relação à pesquisa anterior. O uso do aplicativo e do site do banco surgem em seguida como a segunda e a terceira forma mais populares de se investir, respectivamente – em percentuais que pouco mudaram em relação a 2018. Vale observar o aumento de 4% para 6% no uso do site das corretoras.



Pergunta começou a ser aplicada em 2018, portanto não há comparação com o ano de 2017
Base: investidores – 2019 (1.506 pessoas) e 2018 (1.446 pessoas)

Os investidores brasileiros

O perfil do investidor digital

Usa somente canais digitais

52%
têm ensino superior

61%
são homens

48%
pertencem à classe B

55%
residem na região Sudeste

91%
trabalham e têm atividade remunerada

- **38%** são assalariados com registro em carteira de trabalho
- **13%** são autônomos regulares
- **11%** são funcionários públicos

Base: investidores – 2019 (405 pessoas)

Têm, em média,

38 anos

Os investidores brasileiros

O perfil do investidor "analógico"

Investe somente pelo telefone ou presencialmente

52%
são homens

53%
residem na região Sudeste

49%
têm ensino médio

78%
trabalham e têm atividade remunerada

- **31%** são assalariados com registro em carteira de trabalho
- **12%** são freelancer
- **22%** são aposentados

65%
pertencem à classe C

Renda familiar média mensal de
R$ 4.400

Têm, em média,
47 anos

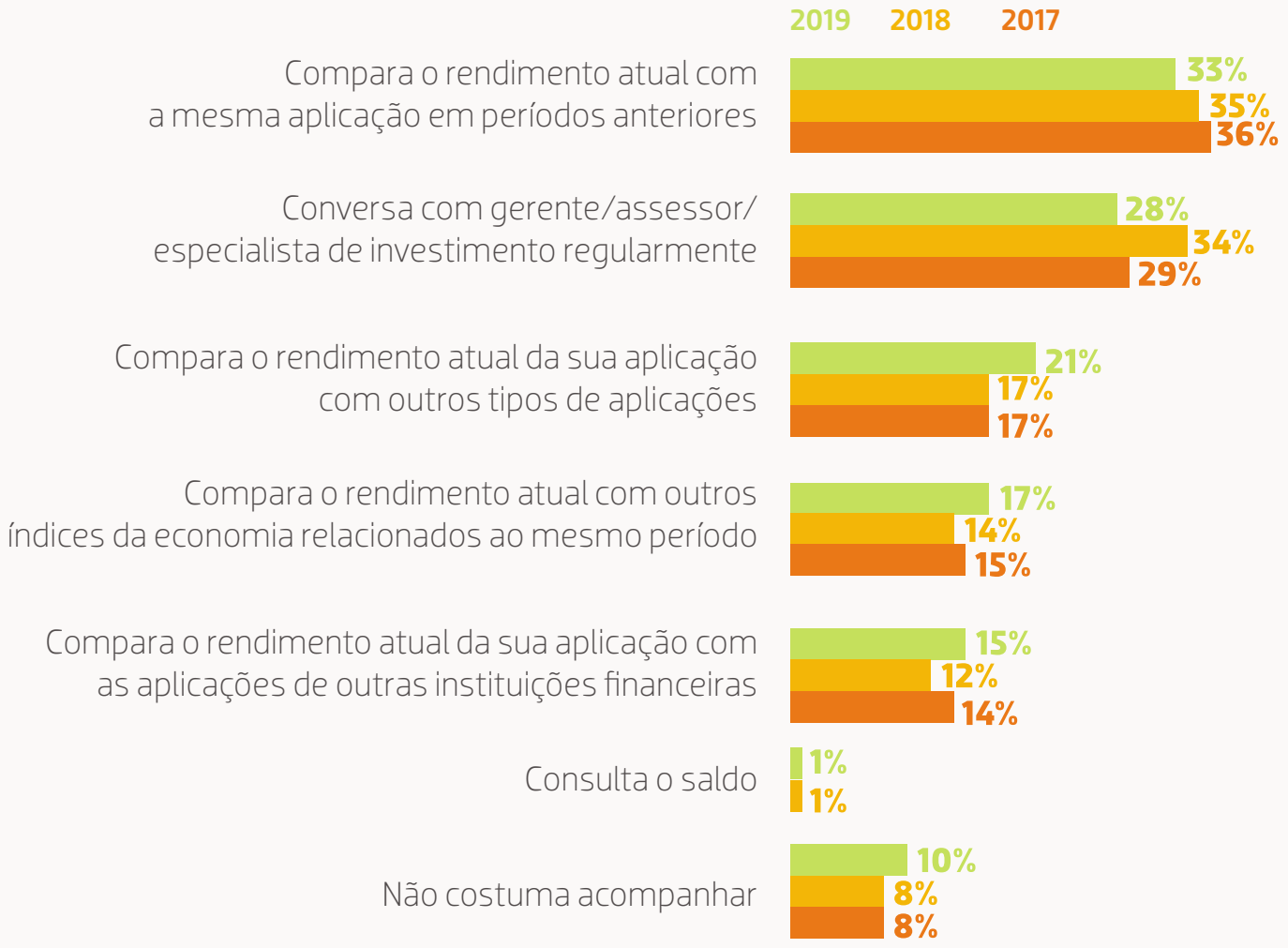
Base: investidores – 2019 (825 pessoas)

Os investidores brasileiros

Como avaliam o desempenho da aplicação financeira

A comparação do rendimento atual com períodos anteriores continua sendo a forma mais utilizada para avaliar o desempenho dos investimentos. Entretanto, houve queda de dois pontos percentuais na comparação de 2018 com 2019. Já a conversa com o gerente ou assessor financeiro, importante na tomada de decisão, recuou seis pontos percentuais em relação ao estudo anterior. Em contrapartida, a comparação do rendimento atual da aplicação com outros tipos de aplicações (de 17% para 21%) e a comparação do rendimento atual da aplicação com outros índices da economia (de 14% para 17%) aumentaram.

Modo como avalia o desempenho das aplicações financeiras



Base: investidores – 2019 (1.506 pessoas), 2018 (1.446 pessoas) e 2017 (1.411 pessoas)

Os investidores brasileiros

Destino para o retorno das aplicações

O sonho da casa própria é o que motiva os investimentos de 35% dos brasileiros, o maior percentual entre todos os objetivos citados. Houve crescimento nesse percentual em relação aos 31% que mencionaram esse como o principal destino dos investimentos em 2017 e aos 33% em 2018. A ideia de manter o dinheiro aplicado para usar em momentos de emergência foi mencionada por 17% dos investidores, mas perdeu força em relação à edição anterior da pesquisa.

No geral, realizar sonhos de vida e consumo, como fazer uma viagem (11%) e comprar ou trocar de carro (11%), surgem como destinos relevantes dos investimentos. O investimento em saúde pouco variou, aparece com aumento de 1% para 3% no destino dos brasileiros.

Os investidores brasileiros

O que espera realizar com o retorno das aplicações

2019 2018 2017

35% 33% 31%
Comprar um imóvel/ casa própria/terreno/ quitar/pagar parcelas da casa

17% 19% 15%
Manter aplicado/ter dinheiro guardado para emergências/por segurança

11% 11% 10%
Fazer uma viagem/ passeio/passear

11% 11% 11%
Comprar/trocar de carro/moto/caminhão

8% 9% 8%
Educação, como estudar, fazer um curso, pagar um curso para alguém/usar para os estudos dos filhos (filho, neto)

9% 8% 5%
Usar na sua velhice/ aposentadoria

7% 8% 7%
Investir em negócio próprio/comprar mercadoria/reformar a empresa

5% 3% 6%
Construir/reformar a casa

4% 5% 6%
Deixar para os filhos/ futuro dos filhos

3% 1% 1%
Investir em saúde/ plano de saúde/ cuidar da saúde

3% 2% 1%
Ter estabilidade financeira/melhorar/ manter a qualidade de vida

5% 5% 7%
Não sabe

Base: investidores – 2019 (1.506 pessoas), 2018 (1.446 pessoas) e 2017 (1.411 pessoas)

Os investidores brasileiros

O investidor de poupança X O investidor de outros produtos

A pesquisa fez uma segmentação inédita e dividiu os investidores em dois grupos: um que reúne apenas os poupadores (pessoas que investem exclusivamente em poupança) e outro com pessoas que investem em outros produtos financeiros (que pode também incluir a poupança).

Aqueles que aplicam em outros produtos, além da poupança, totalizam 10% da população. O perfil é majoritariamente masculino (63%), das classes A e B (72%) e com melhor nível educacional (60% possuem ensino superior) na comparação com todos os outros grupos da pesquisa. A renda média mensal é de R$ 9.400.

Já os poupadores também estão divididos: 50% são homens e 50% são mulheres. A maioria é da classe C (65%) e apenas 29% têm ensino superior completo – a maior parte, 48%, concluiu o ensino médio. A renda é R$ 5.000 inferior ao outro tipo de investidor, totalizando R$ 4.400.

Há algumas diferenças relevantes no comportamento desses dois grupos. Os poupadores, por exemplo, são mais conservadores do que os investidores de outros produtos. Estes, por sua vez, são mais conectados digitalmente. Veja as principais descobertas da pesquisa a seguir.

Os investidores brasileiros

O perfil de quem investe somente em poupança

50% são homens e

50% são mulheres

Renda familiar mensal média de

R$ 4.400

65%
são da classe C

85%
trabalham e têm atividade remunerada

- **35%** são assalariados com registro em carteira de trabalho
- **12%** são freelancer
- **15%** são aposentados

Têm, em média,

43 anos

53%
moram na região Sudeste

48% têm ensino médio e **29%** têm ensino superior

Base: investidores que aplicam somente na poupança – 2019 (1.152 pessoas)

Os investidores brasileiros

O perfil de quem investe em outros produtos financeiros

63%
são homens

57%
moram na região Sudeste

60% têm ensino superior e **36%,** ensino médio

Renda familiar mensal média de
R$ 9.400

56%
são da classe B

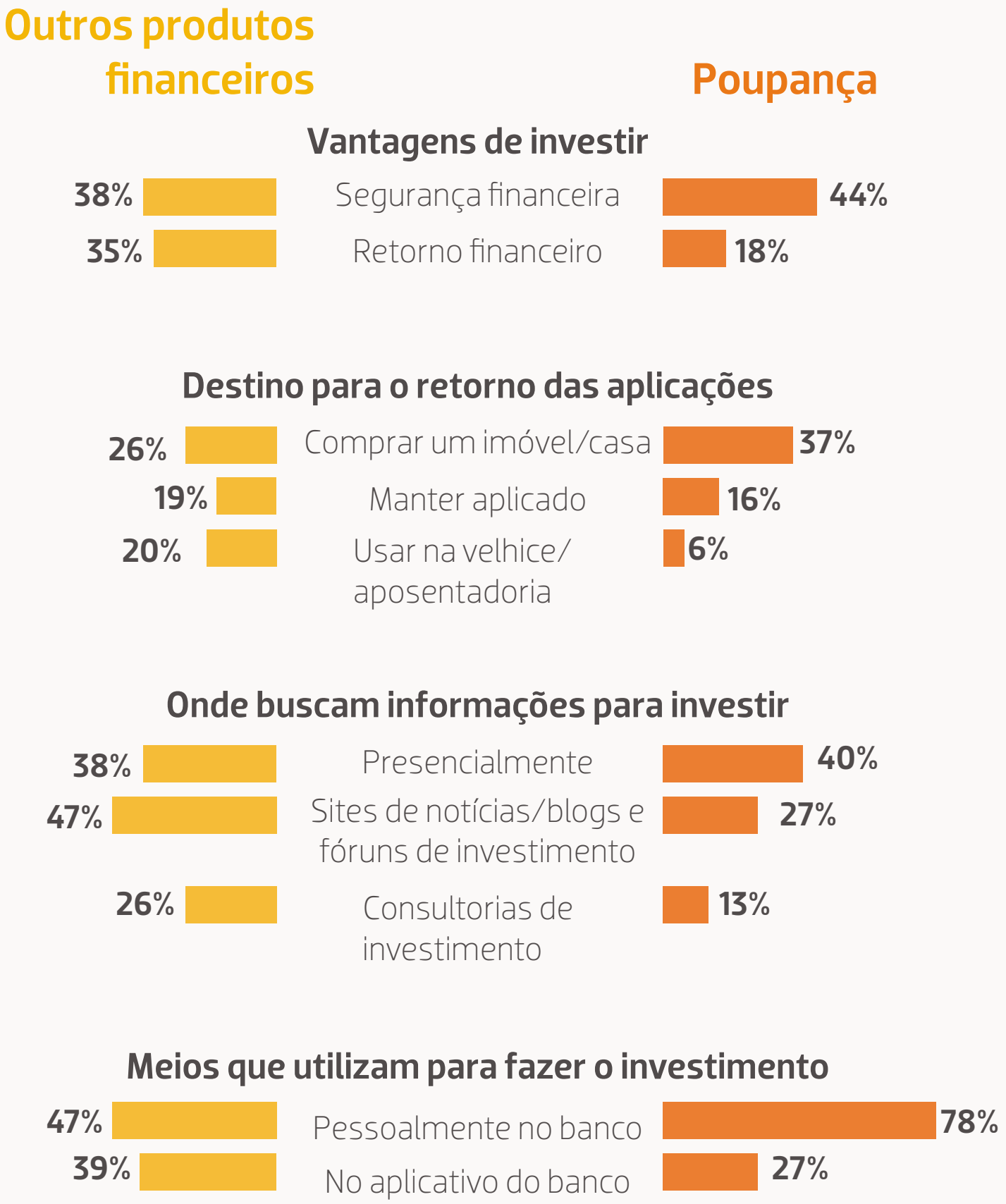
Têm, em média,
41 anos

85%
trabalham e têm atividade remunerada

- **31%** são assalariados com registro em carteira de trabalho
- **14%** são autônomos regulares
- **10%** são funcionários públicos
- **8%** são freelancer
- **7%** são empresários

Base: investidores sem considerar a poupança – 2019 (354 pessoas)

Os investidores brasileiros

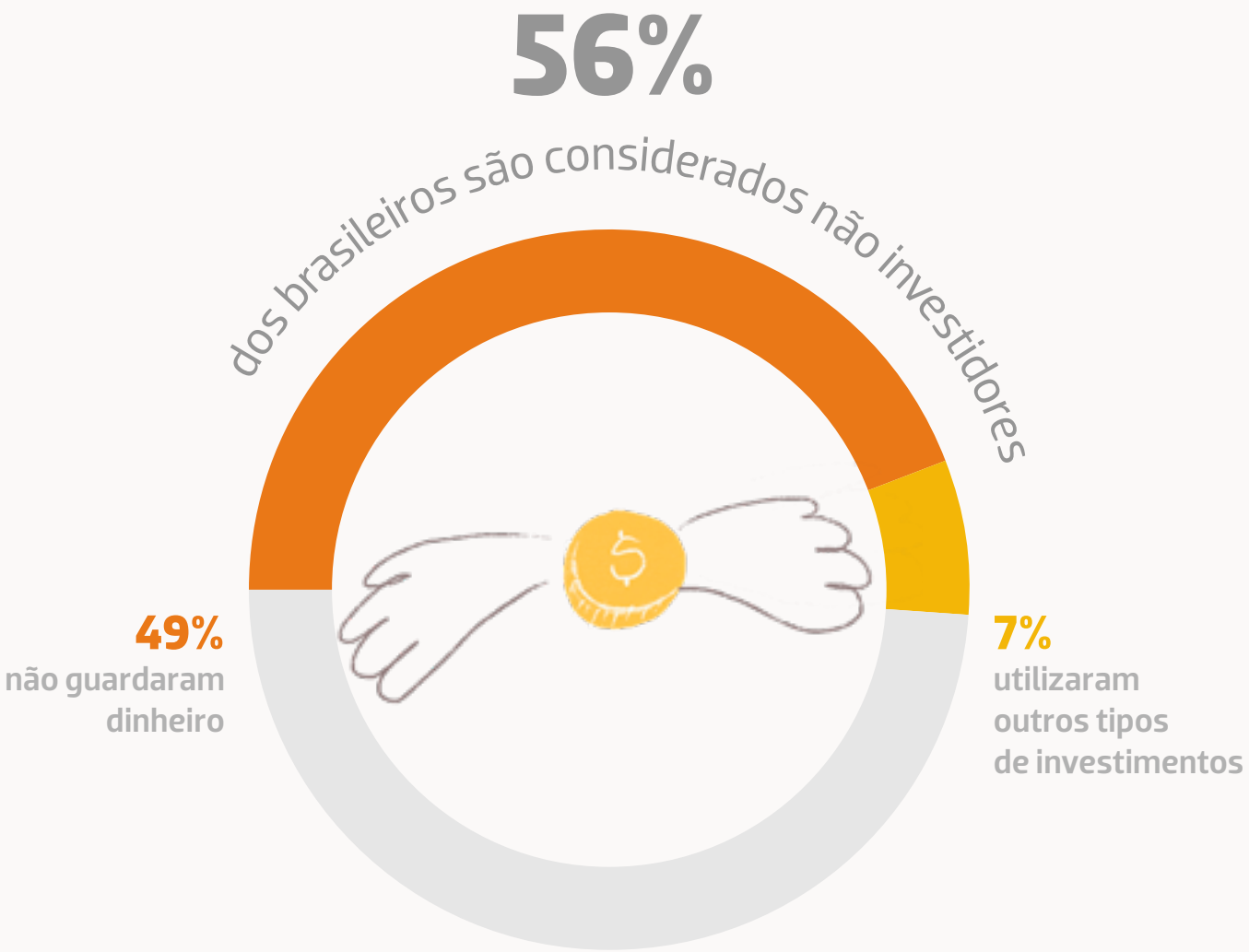


Base: investidores de poupança em 2019 (1.152 pessoas) e investidores de outros produtos financeiros (354 pessoas)

Os não investidores brasileiros

O percentual de brasileiros que dizem não guardar dinheiro caiu de 2017 para 2019; porém, a variação de 2019 para 2018 foi baixa. Em 2019, eles somavam 49% das pessoas (aproximadamente 47 milhões de brasileiros), queda de um ponto percentual em relação a 2018 (50%) e de cinco pontos em relação a 2017 (54%). A principal alegação foi a falta de recursos ou baixos salários. Também cresceu o total de pessoas que não utilizam produtos financeiros para guardar dinheiro. Eram 2% em 2017, 6% em 2018 e 7% em 2019. Na soma dos dois grupos, chegamos ao total de 56% de brasileiros que são considerados não investidores.

Razões para não fazer nenhum tipo de investimento



Base: total da amostra em 2019 (3.433 pessoas)

Os não investidores brasileiros

Conheça as pessoas que não investem

54% são homens

52% têm ensino médio

47% são casados

69% têm filhos

45% residem na região Sudeste e **22%,** no Nordeste

70% pertencem à classe C

85% trabalham e têm atividade remunerada

- **27%** são assalariados com registro em carteira de trabalho
- **14%** são freelancer
- **10%** são autônomos regulares
- **5%** são empresários
- **11%** são desempregados (procuram emprego)
- **15%** não trabalham
- **15%** são aposentados

Têm, em média,

41 anos

Renda familiar média mensal de

R$ 4.100

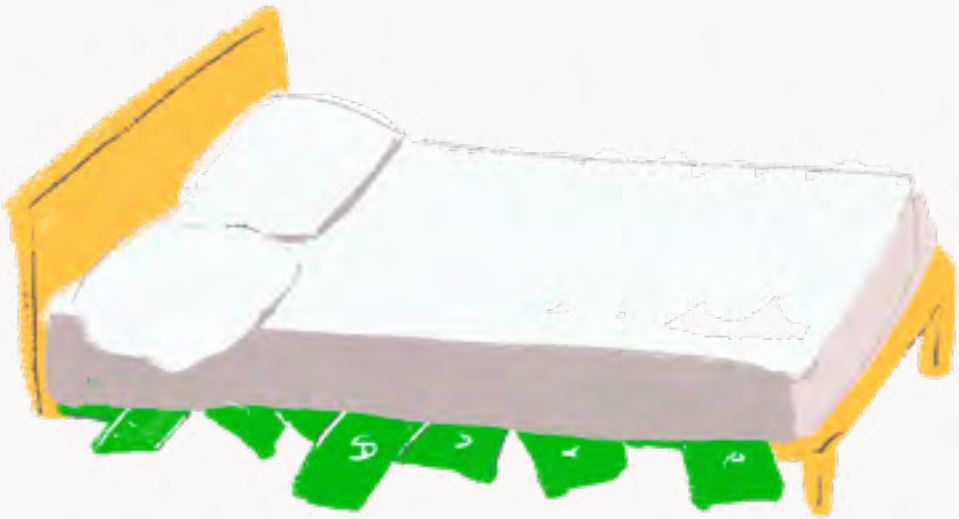
Base: brasileiros que não investem – 2019 (1.922 pessoas)

Os não investidores brasileiros

Motivos para não fazer nenhum tipo de investimento

A falta de recursos para investir, seja por conta de um salário baixo, de desemprego ou da ausência de um emprego fixo, foi a razão mais citada por 74% das pessoas que não investiram em 2019. Essa alegação já teve mais peso: em 2018, 80% relataram falta de recursos para investir e, em 2017, 84% usaram a mesma justificativa. A falta de recursos foi a resposta de 79% das mulheres e de 69% dos homens.

Chama a atenção o crescimento, de 3% em 2017 para 7% em 2019, dos brasileiros que não investem por falta de interesse. Também aumentou, de 2% para 4%, entre 2018 e 2019, o percentual de pessoas que não investiram em produtos financeiros por desconhecimento ou por terem outras prioridades, por exemplo, investir na casa ou na empresa.



Os não investidores brasileiros

Motivos para preferir outros tipos de investimento

Em 2019, 7% dos brasileiros utilizaram outros tipos de investimento que não os produtos financeiros. O principal motivo para preferir outros tipos continua sendo a percepção de melhor retorno, segundo 42% dos brasileiros, ainda que essa ideia tenha perdido força de forma significativa – em 2018, 59% das pessoas deram essa justificativa. Doze por cento dos entrevistados – ante 9% em 2018 – enxergaram nos imóveis uma alternativa aos investimentos financeiros tradicionais, seja com o intuito de ganhar renda com o aluguel ou poder proporcionar segurança para a família.

Base: entrevistados que fazem outros tipos de investimento, mas não fazem aplicações financeiras – 2019: (210 pessoas), 2018 (195 pessoas) e 2017 (59 pessoas)

	2019	2018	2017
Retorno (Melhor resultado/menos variações de mercado/retorno seguro/sem taxa/retorno mais rápido)	42%	59%	58%
Imóvel (Pode alugar/comprar e vender/não desvaloriza/segurança e maior controle)	12%	9%	–
Acesso (Muita burocracia)	5%	10%	26%
Prefere deixar em casa (Maior controle/mais seguro)	4%	–	–
Informações (Não têm muitas informações sobre outro investimento/é mais fácil de entender)	4%	5%	11%
Não confiam em banco	3%	2%	–
Ganham pouco/Tem pouco dinheiro para investir	3%	–	–
Mais fácil negociar/vender	3%	–	–
Não possuem conta bancária	3%	4%	–
Não encontram um investimento adequado/tem medo de ter prejuízo	2%	2%	–
Não têm tempo para ir ao banco/não precisa ir ao banco	2%	1%	–
Não souberam responder	4%	1%	2%

Os não investidores brasileiros

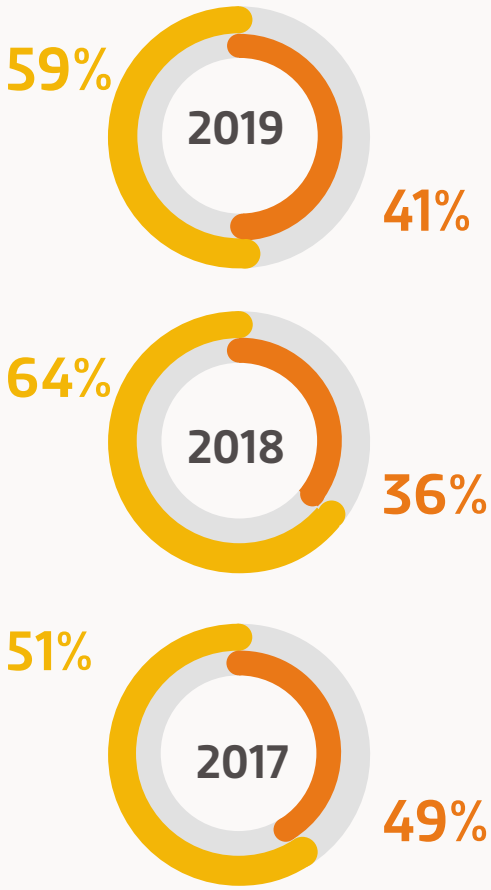
Pretensão de investir em 2020

Cinquenta e nove por cento dos brasileiros considerados não investidores pretendem fazer algum tipo de aplicação financeira em 2020. O percentual, entretanto, é inferior aos 64% que manifestavam intenção de investir em 2019. Na outra ponta, 41% dos não investidores dizem que não pretendem fazer qualquer tipo de aplicação em 2020, o que também indica um crescimento, já que em 2018 apenas 36% dos não investidores manifestaram a mesma intenção. Entre os não investidores que pretendem investir em 2020, a compra de imóveis permanece na liderança das intenções (30% das respostas), mas cresce a parcela daqueles que pretendem ter um dinheirinho guardado (12%).

Intenção de fazer investimento ou aplicação financeira em 2020

Pretende fazer algum investimento

Não pretende fazer investimento



Base: entrevistados que não fizeram aplicações financeiras ou investimentos – 2019 (1.885 pessoas), 2018 (1.926 pessoas) e 2017 (1.858 pessoas). Entrevistados que pretendem fazer aplicações financeiras em 2020 – 2019 (1.119 pessoas), 2018 (1.255 pessoas) e 2017 (959 pessoas)

Os não investidores brasileiros

Entre os principais motivos para fazer investimentos e aplicações financeiras em 2020, estão a segurança financeira (conforme 39% dos entrevistados), poder consumir (20%) e obter lucro/fazer o dinheiro render (8%). Já as principais justificativas entre os que não pretendem investir em produtos financeiros são a falta de condições financeiras (50%) e a existência de outros planos e prioridades (9%).

Motivos para...

... fazer aplicações financeiras	2019	2018	... não fazer aplicações financeiras	2019	2018
Para ter segurança financeira	39%	41%	Condições financeiras	50%	56%
Para poder consumir	20%	26%	Por ter outros planos/ prioridades	9%	5%
Para obter lucro/fazer render o dinheiro	8%	10%	Insegurança	9%	9%
É bom investir/investindo guarda o dinheiro/não gasta	6%		Não têm motivo/ desinteresse	8%	6%
Para abrir/aumentar um negócio/ empresa	5%	5%	Acham o retorno baixo	4%	1%
Melhorar de vida/conforto	5%	5%	Não sabem dizer	7%	5%
Acreditar no país/será um ano melhor para a economia	2%	2%			
Pretendem aposentar-se/garantir a aposentadoria/ter um dinheiro na velhice	2%	2%			
Investir em imóveis/compra, venda e aluguel	2%				
Não sabem dizer	2%				

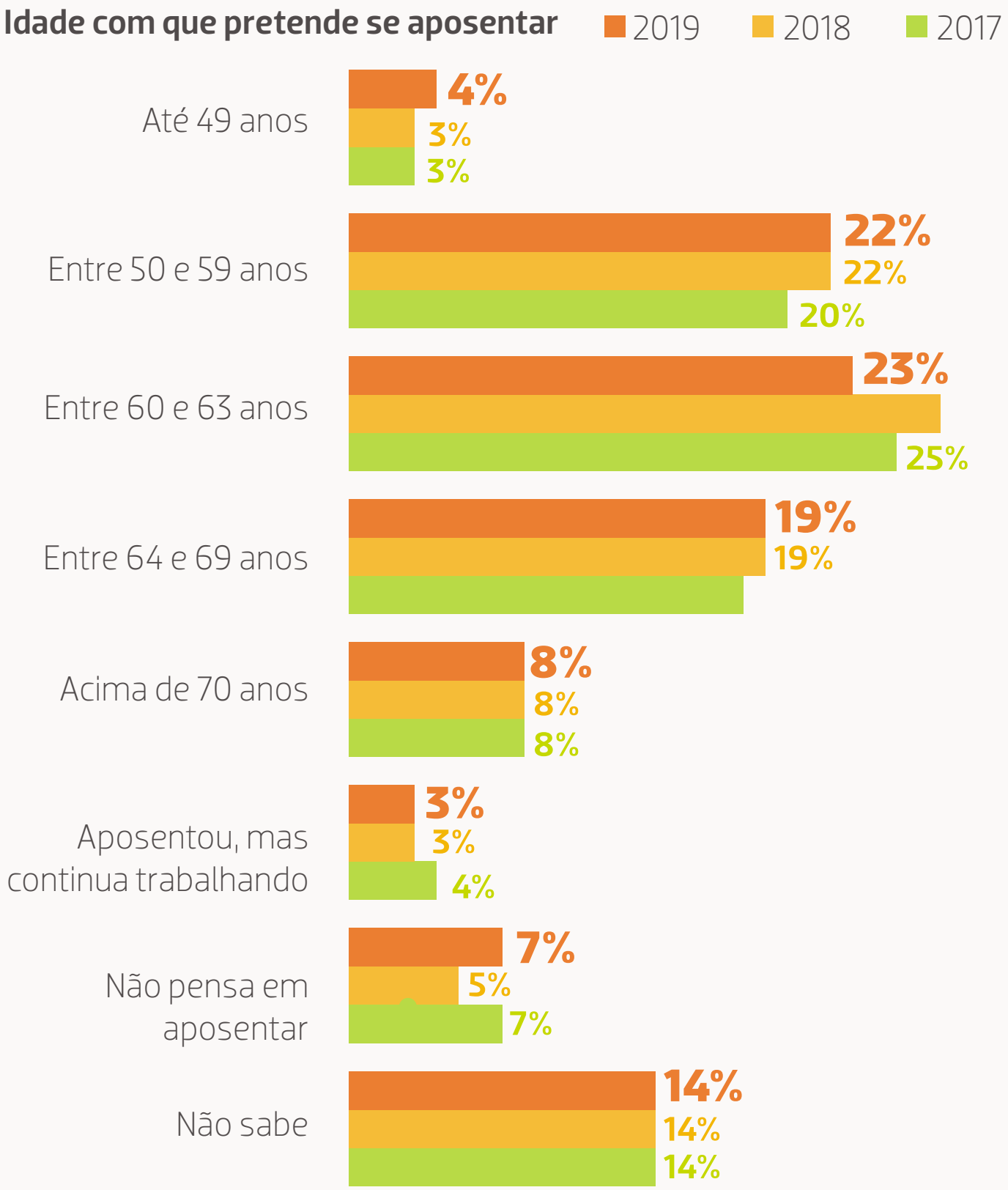
Base: entrevistados que não fizeram aplicações financeiras ou investimentos em 2019 e pretendem fazer em 2020 – 2019 (1.119 pessoas) e 2018 (1.255 pessoas). Entrevistados que não fizeram aplicações financeiras ou investimentos em 2019 e não pretendem fazer em 2020 – 2019 (766 pessoas) e 2018 (671 pessoas)

Menor dependência da previdência pública

No ano em que a reforma da previdência foi aprovada e em que o tema da aposentadoria dominou os noticiários, a pesquisa perguntou aos entrevistados ainda na ativa quais os planos para quando decidirem pendurar as chuteiras. Similar ao estudo anterior, 85% dos brasileiros não são aposentados.

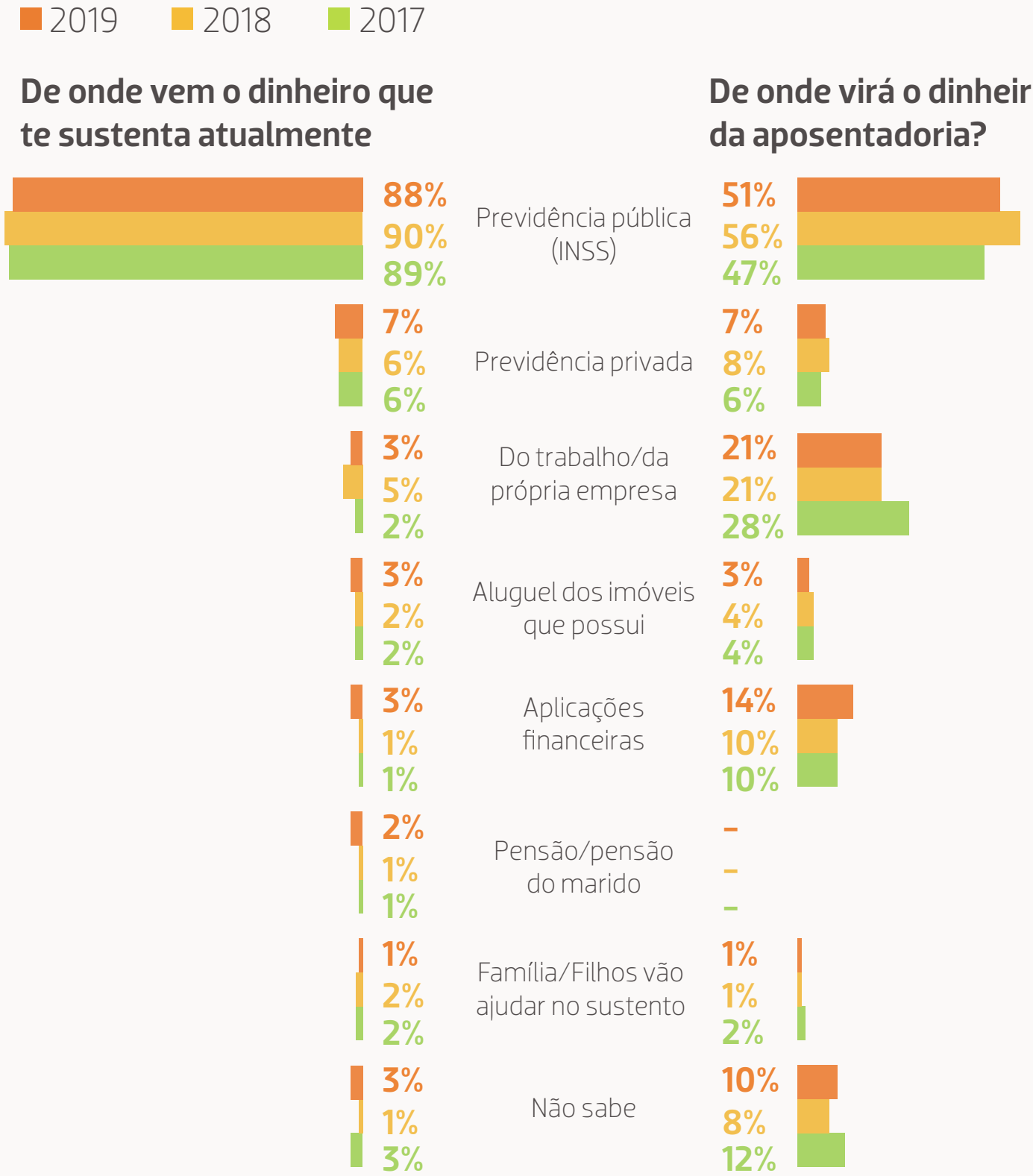
O levantamento descobriu que o brasileiro deseja se aposentar, em média, com 59,8 anos de idade. No recorte de faixas etárias, caiu quatro pontos percentuais, entre 2018 e 2019, a parcela de quem deseja deixar o trabalho entre os 60 e os 63 anos (de 27% para 23%) e houve estabilidade entre aqueles que desejam se aposentar entre os 50 e os 59 (22%) e entre os 64 e os 69 anos (19%). Há uma tendência de alta de dois pontos (5% para 7%) entre os que não pensam parar de trabalhar tão cedo.

Menor dependência da previdência pública



Base: entrevistados que não são aposentados ou que são aposentados e continuam trabalhando – 2019 (2.951 pessoas), 2018 (2.984 pessoas) e 2017 (2.919 pessoas)

Menor dependência da previdência pública



Base: entrevistados que são aposentados – 2019 (482 pessoas), 2018 (468 pessoas) e 2017 (455 pessoas)

Base: entrevistados que não são aposentados – 2019 (2.856 pessoas), 2018 (2.910 pessoas) e 2017 (2.813 pessoas).

Menor dependência da previdência pública

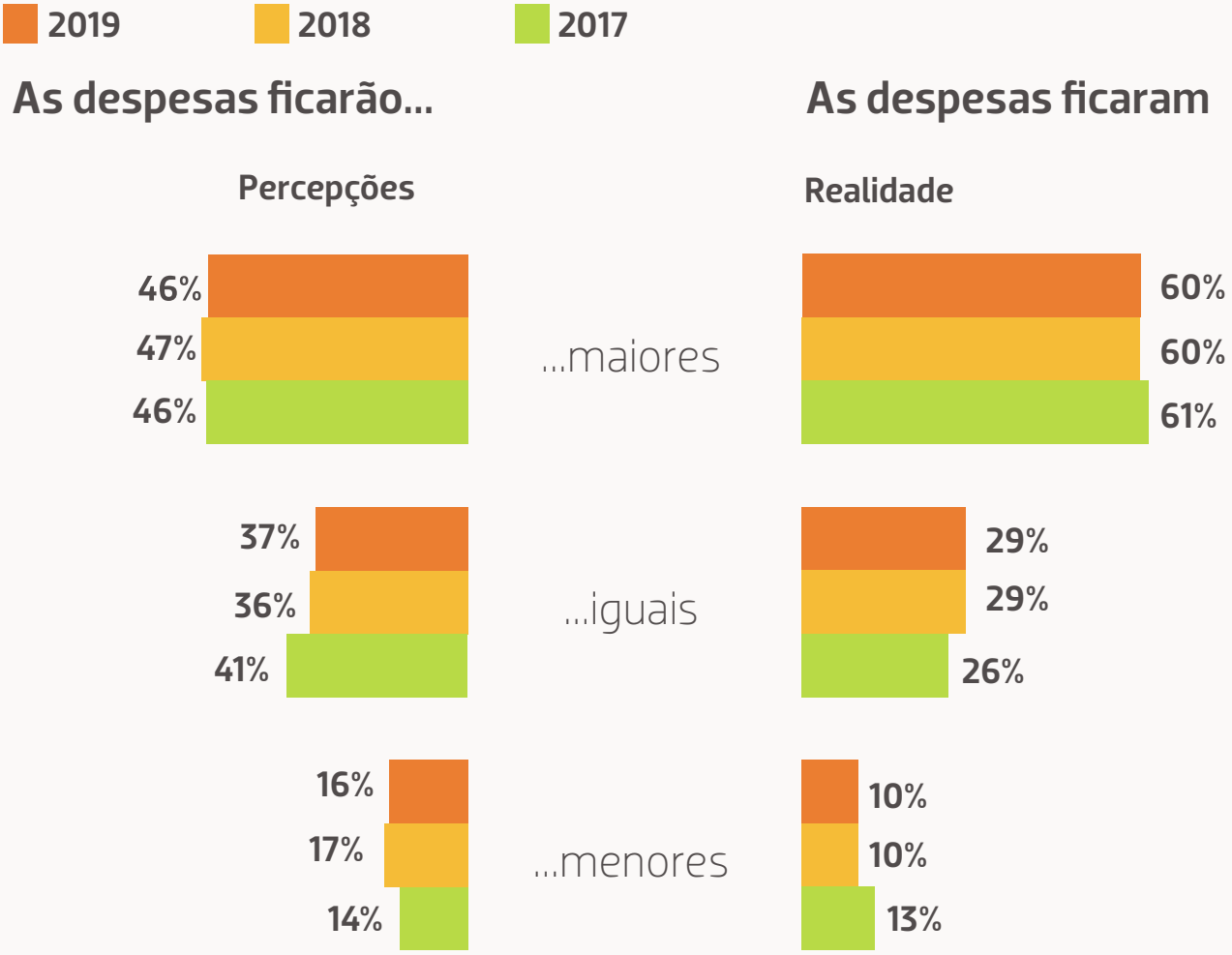
A reforma da previdência mexeu com os planos de aposentadoria dos brasileiros na ativa. Ainda que pouco mais da metade dos entrevistados (51%) declarem que dependerão da previdência pública (INSS) na aposentadoria, houve queda em relação a 2018 (56%). Na contramão, houve crescimento de quatro pontos percentuais (10% para 14%) entre os que responderam que os recursos para a aposentadoria virão de aplicações financeiras. Entre os que alegam que os recursos virão do próprio salário, houve estabilidade (21%). Em resumo, os planos são de continuar trabalhando, mesmo depois de aposentados.

Como forma de comparar expectativa e realidade, a pesquisa identificou com os brasileiros já aposentados – 15% da base total da pesquisa –, que a previdência pública é a fonte de renda de 88% dos entrevistados, com pouca variação em relação aos levantamentos anteriores. A previdência privada ganhou um ponto percentual em 2019, tornando-se a principal origem de recursos para 7% dos entrevistados.

Menor dependência da previdência pública

Percepções e realidade sobre a vida de aposentado

Quando o assunto é a percepção sobre as despesas nos anos de aposentadoria, a pesquisa mostrou pouca variação em relação aos resultados de 2017 e 2018. Em 2019, 46% dos entrevistados ainda na ativa acreditavam que as despesas tendem a aumentar, 37% acreditam que se manterão e 16% preveem diminuição dos gastos no momento que deixarem de trabalhar. Os mais pessimistas quanto às altas das despesas no futuro são os brasileiros entre 35 e 44 anos (51% desse universo).



Base: entrevistados que não são aposentados – 2019 (2.856 pessoas), 2018 (2.910 pessoas) e 2017 (2.813 pessoas).

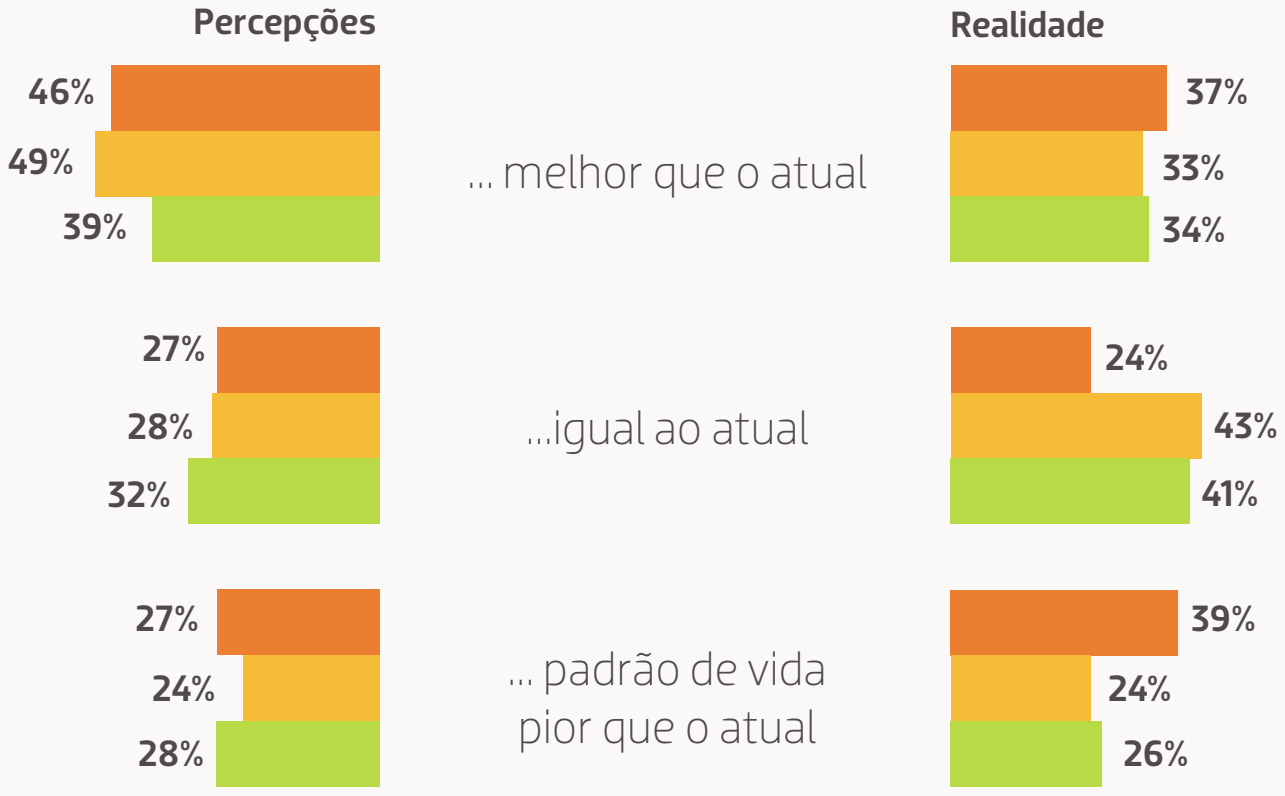
Base: entrevistados que são aposentados – 2019 (482 pessoas), 2018 (468 pessoas) e 2017 (455 pessoas)

Menor dependência da previdência pública

Já a percepção de piora no padrão de vida financeira na aposentadoria aumentou significativamente em comparação com 2018 – passando de 24% para 27% dos entrevistados ainda trabalhando. Em contrapartida, a ideia de que o padrão de vida será melhor caiu de 49% para 46% na mesma comparação.

2019 2018 2017

Padrão de vida...



Base: entrevistados que não são aposentados – 2019 (2.856 pessoas), 2018 (2.910 pessoas) e 2017 (2.813 pessoas).

Base: entrevistados que são aposentados – 2019 (482 pessoas), 2018 (468 pessoas) e 2017 (455 pessoas)

Menor dependência da previdência pública

Há diferenças significativas na percepção dos brasileiros já aposentados, uma vez que 60% declararam que suas despesas aumentaram depois da aposentadoria, ao passo que 29% mantiveram as despesas no mesmo patamar e 10% diminuíram os gastos em 2019. Os dados não sofreram variações em relações às outras edições da pesquisa.

Na comparação entre a atual vida de aposentados com a época em que ainda trabalhavam, os brasileiros se dividem entre o grupo dos satisfeitos e o dos insatisfeitos. De um lado, 37% dizem que a vida financeira nos anos de aposentadoria é melhor do que na fase laboral. Por outro lado, 39% dizem que a vida piorou.

Em ambos os casos, houve mudanças significativas em relação aos dados de 2018: houve alta de quinze pontos percentuais no time que relatou piora e de quatro pontos em quem relatou melhora. Há, ainda, 24% que acreditam que a vida está igual nas duas fases.

Em suma, a pesquisa aponta diferenças claras entre a expectativa ao se aposentar e a realidade dos que já estão aposentados. O aposentado depende majoritariamente do INSS, vê suas despesas aumentarem acima da expectativa dos que ainda não se aposentaram e, particularmente em 2019, perceberam sua vida financeira piorar.

Conclusão

A terceira edição da pesquisa Raio X do investidor brasileiro manteve o objetivo dos dois levantamentos anteriores: aprofundar conhecimento sobre os comportamentos e as motivações dos brasileiros em assuntos relacionados a dinheiro, economia e investimentos financeiros. De maneira geral, os resultados desta edição não variam muito em relação a 2017 e 2018, o que é compreensível, dado o curto espaço de tempo entre as pesquisas.

Os números desta edição, entretanto, ajudam a jogar um pouco mais de luz em alguns hábitos já arraigados e, também, em novos comportamentos que despontam, muitos deles decorrentes do cenário econômico brasileiro. Temas como a reforma da previdência e o ciclo de redução das taxas de juros – que impactou a rentabilidade de produtos como a caderneta de poupança –, já começam a influenciar nas decisões de investimento e planos de aposentadoria de muitas pessoas.

Em 2019, a gestão das finanças pessoais foi um tema que ganhou força. Isso fica claro quando verificamos que 38% dos brasileiros economizaram – um crescimento de seis pontos percentuais em relação aos dados da primeira edição da pesquisa. O perfil de quem conseguiu economizar é predominantemente da classe C (54%), resultado que vai contra o senso comum de que apenas pessoas de alta renda conseguem poupar. Preocupadas em encaixar os gastos no orçamento familiar, essas pessoas deixaram de lado compras desnecessárias, guardaram parte do salário ou cortaram despesas, entre outras estratégias.

Houve um ligeiro aumento no conhecimento dos brasileiros (de 46% para 48%) de algum tipo de investimento disponível no mercado (como a caderneta de poupança ou os títulos do Tesouro Direto).

Conclusão

Paralelamente, é possível notar mais entidades preocupadas em disseminar conhecimento sobre educação financeira, o que pode contribuir para a melhora dos números daqui para frente.

Melhor: quando os entrevistadores apresentaram alternativas, os brasileiros reconheceram, em média, 7,6 produtos financeiros – contra 7 produtos na pesquisa anterior. Assuntos como taxas de juros, inflação e aplicações financeiras serão discutidos em sala de aula a partir de agora, ajudando na formação de futuros investidores.

Mais pessoas investindo em produtos financeiros...

Quarenta e quatro por cento das pessoas terminaram o ano com dinheiro aplicado em produtos financeiros – elas podem ou não ter investido em 2019, mas o saldo no fim do ano era positivo. Em números absolutos, isso significa que 42,2 milhões de brasileiros tinham investimentos em produtos financeiros.

Os resultados permitem duas leituras. O copo meio cheio mostra que, a cada ano, mais brasileiros adquirem o hábito de investir – os números de 2019 apontam para um crescimento de dois pontos percentuais na quantidade de investidores em relação às duas pesquisas anteriores. Por outro lado, a pesquisa mostra que ainda há mais pessoas que não investem do que investidores no Brasil. A reversão desse cenário está em curso, mas o processo é lento e gradual.

Entre aqueles que investem, a preferência na hora de guardar o dinheiro permaneceu com a poupança (84% dos investidores). Na comparação com o levantamento anterior, houve queda de cinco pontos percentuais no número de investidores que deixam suas economias na caderneta. O segundo produto mais utilizado, a previdência privada, foi a predileta de 7% dos investidores.

Conclusão

Ao que tudo indica, a perda de fôlego da poupança e a diversificação dos investimentos para outros ativos financeiros é reflexo da política de redução da taxa de juros que levou a Selic, a taxa referencial do mercado, a 4,25% ao ano em fevereiro de 2020, o menor patamar da história. A busca por aplicações que tragam maior retorno deve ganhar mais força, até então, neste ano conforme novos cortes da Selic são projetados pelo mercado. Quando perguntamos quais produtos financeiros as pessoas pretendem utilizar ou continuar utilizando em 2020, caiu a intenção em investir e continuar aplicando na poupança e oscilou positivamente a disposição de investir em ações, títulos privados e fundos de investimento.

Outro indício de que a busca por maiores ganhos adquire importância na estratégia dos investidores também foi identificado na pesquisa: embora a segurança financeira seja o principal fator que o investidor leva em conta antes de fazer uma aplicação, essa ideia vem perdendo força. O tema que ganhou destaque em 2019 foi justamente o retorno financeiro das aplicações. No total, 85% das pessoas se diziam preocupadas com a rentabilidade de seus investimentos. Mais uma vez, os novos patamares de juros influenciaram nas repostas. Segurança e retorno tendem a andar de mãos dadas a partir de agora.

O tempo médio das aplicações na pesquisa de 2019 ficou em torno de 11 anos, um ano a mais do que o verificado no levantamento de 2018. O resultado permite algumas constatações. A primeira é que há uma preocupação aparente dos brasileiros com a formação de reservas para o longo prazo, como para a aposentadoria, o que é saudável.

Uma análise mais aprofundada dos números, entretanto, indica que há um descasamento entre esses objetivos de longo prazo e a escolha do veículo de investimento. Como apontado anteriormente, 84% dos

investidores alocam recursos na caderneta de poupança, que não é o mais adequado para a formação de reservas de longo prazo.

No mais, a maioria das pessoas têm um comportamento de longo prazo (11 anos de investimento, em média), mas com expectativas de curto prazo (76% prezam pela liquidez dos investimentos), o que também indica a necessidade de um melhor alinhamento entre objetivos e escolha dos produtos financeiros.

...Mas a maioria ainda não investe

Alguns desafios persistem no sentido de fazer com que mais brasileiros economizem recursos e invistam. Ainda existe uma alta combinação de brasileiros que dizem não guardar dinheiro de forma alguma (49% das pessoas) com aqueles que não utilizam produtos financeiros para guardar dinheiro (7%). Na soma dos dois grupos, chegamos ao total de 56% de brasileiros que não são investidores.

O cenário econômico tem influência nesses resultados, conforme os entrevistados. Os baixos salários, o desemprego ou a ausência de um emprego fixo foram as razões mais citadas por 74% das pessoas que não investiram em 2019. Para esse grupo de pessoas, há uma lição de casa a ser feita. Como vimos anteriormente, 38% dos brasileiros, a maioria da classe C, conseguiram economizar dinheiro no ano passado.

Isso mostra que, com uma boa combinação de disciplina, ajuste do orçamento e corte de despesas desnecessárias, cresce a possibilidade de mais pessoas terminarem o mês com algum dinheiro em caixa ou aplicado em um investimento.

O cenário econômico, entretanto, não é a única razão que leva a maioria dos brasileiros a não investir. Houve crescimento, de 3% em 2017 para 7%

em 2019, daqueles que alegam falta de interesse para investir. Por outro lado, subiu de 2% para 4%, entre 2018 e 2019, o percentual de pessoas que não fizeram uma aplicação financeira por desconhecimento ou por terem outras prioridades, por exemplo, adquirir a casa própria ou investir na empresa.

A reforma da previdência altera planos

A reforma da previdência, aprovada em 2019, parece ter mudado o planejamento de boa parte da população economicamente ativa. Pouco mais da metade das pessoas (51%) declara que dependerá da previdência pública (INSS) quando parar de trabalhar. Isso representa uma queda de cinco pontos percentuais em relação à pesquisa de 2018 (56%), quando a reforma ainda tramitava no Congresso.

As novas regras da aposentadoria exigem mais anos de trabalho e tornam mais difícil parar de trabalhar com os mesmos rendimentos, ou seja, obrigam os brasileiros a pensar em diferentes estratégias. Houve crescimento de quatro pontos percentuais (10% para 14%) entre as pessoas que responderam que os recursos para a aposentadoria virão de aplicações financeiras. Se colocado em prática, isso tende, nas próximas pesquisas, a aumentar paulatinamente o número de investidores totais no Brasil.

Houve estabilidade (21%) entre os que alegam que os recursos virão do próprio salário – em resumo, pessoas que pretendem continuar trabalhando, mesmo aposentadas. O levantamento descobriu que o brasileiro deseja se aposentar, em média, com 59,8 anos de idade. Cresceu dois pontos (5% para 7%) a parcela dos que não pensam em se aposentar. É possível que esses percentuais sofram alterações nas próximas pesquisas, quando as novas regras da aposentadoria já tiverem sido absorvidas por boa parte da população – é preciso lembrar

que houve um intervalo de poucos dias entre a aprovação da reforma da previdência e as entrevistas para a pesquisa.

Uma história em construção

Ao chegar ao seu terceiro ano, a pesquisa Raio X do investidor brasileiro começa a montar um filme dos hábitos de poupança e investimento dos brasileiros. Neste triênio, foi possível notar muitas conquistas, seja a do número crescente de brasileiros investindo, seja a do número de pessoas, também em tendência de alta, que estão mais familiarizadas com os diversos produtos de investimento à disposição no mercado.

É também notável como assuntos que dominaram o noticiário, como a reforma da previdência e as taxas de juros em queda, começam a afetar as decisões de investimento. Mas ainda há um longo caminho a percorrer. O destino do dinheiro mostra que o próprio conceito de investimento ainda é confuso para boa parte dos brasileiros. Um exemplo é que o consumo de bens duráveis e imóveis, como carros, motos, casas próprias e terrenos, aparece no topo da lista daquilo que os brasileiros consideram como um investimento.

Tudo isso mostra que a adoção – e o reforço – de ações de educação financeira deve continuar como prioridade dos principais players da indústria, como a ANBIMA, nos próximos anos. O tema deve ganhar ainda mais força a partir de 2020, com a bem-vinda inclusão da educação financeira na BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

Só assim será possível aumentar o nível de conscientização e conhecimento do maior número possível de brasileiros para que possam organizar suas vidas financeiras, economizar recursos e investir, seja para objetivos de curto ou longo prazo.

Materiais relacionados

Confira outros conteúdos que preparamos sobre o tema:

- Tabela em Excel com dados consolidados da pesquisa
- Tabela em Excel com dados brutos
- Questionário da 3ª edição do Raio X do Investidor Brasileiro
- Acesse a página especial da pesquisa

Expediente

Raio X do investidor brasileiro

3ª edição
2020

Presidente
Carlos Ambrósio

Vice-presidentes
Carlos André, Carlos Constantini, Gilberto Duarte, José Eduardo Laloni, Luiz Sorge, Pedro Lorenzini, Renato Ejnisman e Sergio Cutolo

Diretores
Adriano Koelle, Alcindo Canto, Carlos Takahashi, Eduardo Azevedo, Fernando Rabello, Gabriel Leal, Jan Karsten, Luiz Chrysostomo, Luiz Fernando Figueiredo, Lywal Salles Filho, Pedro Juliano, Pedro Rudge e Teodoro Lima

Comitê Executivo
Zeca Doherty, Ana Leoni, Francisco Vidinha, Guilherme Benaderet, Patrícia Herculano, Eliana Marino, Lina Yajima, Marcelo Billi, Soraya Alves e Thiago Baptista

Rio de Janeiro
Praia de Botafogo, 501 – 704, Bloco II,
Botafogo, Rio de Janeiro, RJ – CEP: 22250-042
Tel.: (21) 2104-9300

São Paulo
Av. das Nações Unidas, 8501, 21º andar,
Pinheiros, São Paulo, SP – CEP: 05425-070
Tel.: (11) 3471-4200

www.anbima.com.br